

MESTRADO  
PSICOLOGIA

**Tatuagem, um “processo de materialização estética”**

**Estudo exploratório sobre a construção de uma narrativa  
identitária corpórea através do corpo muito tatuado.**

**Helena Maria Sanches Gomes**

**Junho**

**2018**



**TATUAGEM, UM “PROCESSO DE MATERIALIZAÇÃO  
ESTÉTICA”  
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA  
NARRATIVA IDENTITÁRIA CORPÓREA ATRAVÉS DO CORPO  
MUITO TATUADO.**

**Helena Maria Sanches Gomes**

junho, 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor José Luís Fernandes (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **Agradecimentos**

Há coisas que não deviam ser redigidas mas que, por se expandirem tanto, deixam de caber em nós próprios. Estas transcendências, a que carinhosamente chamo de agradecimentos, estão implítas em cada palavra escrita, na valsa de avanços e recuos que foi este processo, e nos tempos que se (re)fizeram em mim. De resto, são apenas palavras, que não deixam de ser o que são, palavras:

Pela luz, pelo chão, pelo caminho,  
Pelas pegadas que me deixaram seguir.  
Mãe, Pai, é com imenso carinho,  
Que vos dedico a dissertação, o meu devir.

Pelo amor incondicional e genuíno,  
Por esse amor que me ensinaram.  
Sílvia, Diana, Chica, que divino,  
Sentimento esse, em que me encetaram.

Pelas noites não dormidas,  
Pelas viagens sob universos invisíveis.  
Zé João, Raquel, às amizades destemidas,  
A nós, aos tempos invencíveis.

Pelos cafés, conversas e existencialismo  
“Musa das Madeiras”, amiga da alma.  
Pelo suporte, pelo companheirismo,  
Nuno, Renata, Tona, pela existência que me acalma.

Pela possibilidade tornada real,  
Pela disponibilidade, pela abertura.  
Professor Luís, participantes meus, um obrigada tal,  
Pela oportunidade, pela bravura.

Pelo tempo que não mais volta,  
Pelo teu prematuro desaparecimento.  
Para ti, Sílvia, energia que revolta,  
Para ti, irmã, este trabalho, este crescimento.

## RESUMO

Na presente dissertação propõe-se transportar para a psicologia a tatuagem como um processo de materialização estética, tendo como argumento a ligação que a mesma tem com corpo e com a identidade da pessoa. Postula-se a construção identitária com recurso ao corpo através da tatuagem – narrativa identitária corpórea. Pretende-se perceber as motivações subjacentes a um corpo com muitas tatuagens, e a ideia percebida por estas pessoas dos outros e da sociedade em relação a si.

Para tal, recorre-se à metodologia qualitativa como um recurso para a exploração do tema. Através da entrevista semi-estruturada e da análise de conteúdo categorial temática consegue-se um estudo fenomenológico, que atende aos significados e experiências de vida dos sujeitos.

Os resultados apontam para uma percepção de atitudes e comportamentos ambivalentes em relação às pessoas com o corpo muito tatuado. Parece existir uma motivação muito profunda para uma pessoa tatuar o corpo, que corresponde a uma idiossincrasia individual. Este processo de individualização aparentemente traduz a narrativa do indivíduo, assim como da sua personalidade, através do grafismo no seu corpo.

Este fenómeno, maioritariamente associado à desviância, não o é necessariamente assim. As pessoas com o corpo muito tatuado têm um desenvolvimento normativo, assim como contextos de vida normativos. Desta forma, ainda hoje, parecem cárceres de um estigma originário da associação da tatuagem a fenómenos desviantes.

**Palavras-chave:** Corpo; Tatuagem; Identidade; Corpo muito tatuado; Narrativa identitária corpórea

## RÉSUMÉ

Cette dissertation se propose de porter à la psychologie de tatouage comme un processus de matérialisation esthétique, ayant comme argument la connexion au corps et à l'identité de la personne. Se postule la construction identitaire avec l'utilisation du corps à travers le tatouage - récit d'identité corporative. On essaie de percevoir les motivations sous-jacentes d'un corps avec beaucoup de tatouages, et l'idée perçue par ces personnes des autres et de la société par rapport à elle-même.

Pour cela, la méthodologie qualitative est utilisée comme une ressource pour l'exploration du thème. À travers l'interview semi-structurée et l'analyse du contenu catégorique thématique on obtient une étude phénoménologique, qui s'occupe des significations et des expériences de vie des sujets avec le corps très tatoué.

Les résultats indiquent une perception d'attitudes et de comportements ambivalents envers les personnes ayant un corps très tatoué. Il semble y avoir une motivation très profonde pour une personne à tatouer le corps, ce qui correspond à une idiosyncrasie individuelle. Ce processus d'individualisation traduit, apparemment, le récit de la personnalité de l'individu à travers le graphisme dans son corps.

Ce phénomène, essentiellement associé à la déviance, n'est pas nécessairement comme ça. Les personnes ayant un corps fortement tatoué ont un développement normatif ainsi que des contextes de vie normatifs. De cette façon, même aujourd'hui, ils semblent être des prisons d'un stigmatisme provenant de l'association du tatouage avec des phénomènes déviants.

**Mots-clés:** Corps; Tatouage ; Identité ; Corps fortement tatoué; Narration de l'identité corporelle



## ABSTRACT

In the present dissertation, is proposed a transportation of the tattoo to psychology as a process of aesthetic materialization, having as argument the connection with the body and the personal identity. It is postulated an identity construction through the body having the tattoo as a resource – corporeal identity narrative. It is pretended an understanding of the subjacent motivations of a person with body with a lot of tattoos, and the perceived ideas that these social actors have of the others and the society towards themselves.

For that, we had recurred to the qualitative methodology as a resource for this theme exploration. Through the semi-structured interview and the content analysis, it was achieved a phenomenological study, which highlights the meanings and life experiences of individuals with a body full of tattoos.

The results are pointing to an ambivalent perception of attitudes and behaviors relative to the heavily tattooed individuals. It seems that there is a profound motivation for a subject to tattoo his body, which correspond to an individual idiosyncrasy. This process of individualization, apparently, translates the narrative of the person, as so of his personality, through the graphics on his body..

This phenomenon, commonly associated to deviance, it is not necessarily like this. People that are heavily tattooed have a normative development, as well as normative life contexts. They seem, even nowadays, to be enclosure on a stigma firstly assumed by an association of the tattoo with deviant phenomena.

**Key-Words:** Body; Tattoo; Identity; Heavily tattooed body; Corporeal identity narrative

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
 <b>Capítulo I – Enquadramento Teórico .....</b>	<b>2</b>
1. Corpo e Desvio.....	2
1.1. O Corpo.....	2
1.2. O Desvio, O Desviante e o Corpo no Desvio .....	4
2.1. O Eu e o Self .....	7
2.2. O Corpo, a Tatuagem e o <i>Self</i> .....	9
3.1. A Modificação Corporal .....	10
3.2. A História da Tatuagem e o Corpo Tatuado .....	11
3.3. A Tatuagem na investigação .....	14
 <b>Capítulo II – Metodologia .....</b>	<b>16</b>
1. Objeto de estudo, Objetivos e Questões de Investigação.....	16
2. “Paradigma da Investigação” .....	17
2.1. Construtivismo Social.....	17
2.2. Metodologia qualitativa .....	18
3. Técnicas, Procedimentos e Participantes .....	18
4. Tratamento dos dados.....	21
4.1. Análise de Conteúdo Categorical Temática .....	21
 <b>Capítulo III - Apresentação e Discussão dos Resultados .....</b>	<b>22</b>
1. A Materialização Estética.....	23
1.1 A Materialização estética, uma forma de expressão.....	24
1.1.1. A tatuagem, forma de expressão artística e do indivíduo .....	24
1.1.2 A tatuagem, forma controversa de modificação corporal .....	25
1.2. Tatuagem, um “mundo”, uma “forma de estar na vida” .....	27
2.1. O corpo muito tatuado ou com muitas tatuagens.....	29
2.2 O corpo, um paradoxo .....	32

2.3. O corpo, uma tela, veículo artístico, um processo autobiográfico.....	33
3. As Motivações .....	33
3.1. Os contextos.....	36
4. Reação Social Percebida.....	37
5. Identidade – A percepção de mim e do meu <i>self</i> .....	42
7. A dor no processo de materialização estética.....	47
 <b>Capítulo IV - Nota final.....</b>	 <b>48</b>
 <b>Referências Bibliográficas.....</b>	 <b>51</b>
 <b>Anexos .....</b>	 <b>55</b>

## **Índice de Anexos**

<b>Anexo I</b> – Guião da Entrevista Semi-estruturada	55
<b>Anexo II</b> – Grelha da Análise de Conteúdo e Descrição das Categorias	57

## Introdução

Esta dissertação terá como núcleo de discussão teórica e de investigação empírica o corpo, o desvio e o desenvolvimento identitário, analisados através de um “*eu corporal*”. Pretende-se, assim, pensar o corpo como um todo que faz parte do *self*, e como ferramenta de socialização magna. Pretende-se, também, um processo de desconstrução de alguns mecanismos promotores de discriminação, ao extrapolar o tema do corpo muito tatuado, da sociologia e da antropologia para a psicologia. Através, não da patologização do corpo periférico (Fernandes & Barbosa, 2016), mas da construção da identidade individual, da vivência de uma corporalidade distinta da maioria e, tendo sempre em consideração que esta identidade é, parcialmente, moldada e estruturada pela identidade social que engloba o indivíduo.

O estudo sobre o corpo e o corpo muito tatuado e o desvio, sobre a tatuagem como modificação corporal e o seu estado da arte e, sobre a identidade, constituem o primeiro capítulo. Este capítulo adensa-se nas principais teorias acerca destas temáticas, no seu desenvolvimento e na sua historicidade, para se desenlaçar na contemporaneidade do objeto de estudo – as pessoas com muitas tatuagens. O construcionismo como corrente epistemológica pós-positivista, e a sua coerência com as teorias do construtivismo social dão conteúdo ao segundo capítulo. Neste capítulo em coerência com o método qualitativo, utiliza-se a entrevista semi-estruturada e a posterior análise de conteúdo da mesma. Desta forma, integra-se a vivência pessoal do indivíduo com muitas tatuagens, e toda a sua subjetividade, no processo da investigação científica.

A minoria corpórea que constitui o corpo muito tatuado, e as suas variadas experiências vivenciais, encerram-se no terceiro capítulo, sob a forma de resultados. Neste capítulo, a miríade dos mesmos é apresentada, interpretada e discutida, à luz da transversalidade do tema - desde a reação social percebida, às diferenças de papéis e de género, às subculturas ou “mundo da tatuagem”, até à arte da tatuagem e o corpo como um meio e um fim artístico. Em consideração final, reúnem-se quadros de leitura destas realidades, e uma lente crítica em relação às mesmas, capaz de fazer útil a investigação para a psicologia e para as pessoas com muitas tatuagens.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 1. Corpo e Desvio

#### 1.1. O Corpo

O corpo, objeto transversal às várias ciências centradas no estudo do indivíduo, é um tema complexo que pode estender-se e compreender-se desde o corpo individual (Ribeiro, 1996) ao corpo como fronteira social (Fernandes & Barbosa, 2016; Le Breton, 1953; Turner, 2012), do corpo funcional ao corpo estético (Kosut, 2006), do corpo submisso ao poder (Foucault, 2002) ao corpo passível de transformação pessoal (SchildKrou, 2004), de expressão da individualidade (Atkinson, 2004; Ferreira, 2004) e de construção identitária (Ferreira, 2004; Lane, 2014). Pode entender-se, *à priori*, um carácter dualístico associado ao mesmo e às suas definições, que o transformam num complexo palco científico e de atenção ao longo do tempo.

Tome-se a título exemplar o conceito de corpo, do latim *corpus*, que contém em si diversos significados – e.g. “1. Qualquer porção de matéria que tem uma extensão limitada e que produz impressão nos sentidos por qualidades que lhe são próprias. 2. Matéria orgânica que constitui a individualidade de cada homem e de cada animal.” (Grande Dicionário Enciclopédico, p.1751). Significados estes que estão encarceradas no limite do físico, isto é, no espaço palpável que pode constituir o corpo, portanto, no “*organismo anatomofisiológico*” (Ribeiro, 1996). Contudo, estas são definições tão insuficientes quanto incompletas para um entendimento eclético sobre o tema. Para tal, é necessário um enquadramento histórico-cultural, como se verá de seguida.

O corpo nu, belo, atlético, fértil e saudável, objeto de aperfeiçoamento, era idealizado e apreciado socialmente na antiguidade clássica (Barbosa et al., 2011). As vivências corporais constituíam-se como uma forma de estar na sociedade e como valorização de princípios filosóficos (Cunha, 2004, citado por Barbosa et al, 2011), como Foucault menciona séculos mais tarde. Há um manifesto individualismo subjacente a estas formas de estar, que Foucault designou como “*cultura de si*” (Barbosa et al., 2011).

Mais tarde, surge o binómio mente-corpo, com o Cristianismo, que se prolonga durante séculos. O corpo começa por ser símbolo do pecado, proibido, oculto e reprimido – o corpo como “prisão da alma” (Barbosa, et al., 2011). Durante a Idade Média uma dualidade concernente ao mesmo é assumida com o amor cortês, por um lado, e, por outro, com o corpo material, culpado, perverso e dominado (idem). Por sua vez, quando o Renascimento ocupa o seu lugar, com o antropocentrismo e a valorização do conhecimento científico, o corpo passa a estar subjugado à razão. Transforma-se, então, num “corpo investigado, prescrito e analisado, anatómico e biomecânico” (Barbosa et al., 2011, p.27) - o corpo num plano inferior.

Com a industrialização, surgem discursos normalizadores do corpo e promotores de novas vivências da corporeidade (Novaes, 2006, citado por Barbosa, et al., 2011). Contudo, as técnicas de ornamento do corpo (Carmen et al., 2012), ou as formas alternativas de expressão da individualidade (Atkinson, 2004; Kosut, 2006; Schildkrout, 2004) e de interação social (Lane, 2014) – como a tatuagem – ainda continuam sem um espaço próprio. Assim, é com uma sociedade capitalista e consumista, que o corpo começa a servir como instrumento, e fica reduzido a um corpo mecânico, manipulável e produtor (Barbosa et al., 2011).

Com a evolução científica e tecnológica cada vez mais avançada, o corpo torna-se passível de uma capacidade de consumir e de ser consumível (Schildkrout, 2004). Este processo permite um corpo construído e decorado, um projeto pessoal do indivíduo, onde começa a haver a valorização do corpo como objeto de desejo. Desta forma, a “conduta do corpo humano” (Turner, 1994, p.6, citado por Barbosa et al., 2011) passa a ser a expressão dos problemas políticos e morais (idem). Neste sentido, o mesmo começa a ser estudado como a fronteira utilizada metaforicamente para descrever outros sistemas de classificação sociais importantes (Lévi-Strauss, 1966 citado por Schildkrout, 2004).

Assim, novos sentidos e significados para o corpo surgem com o corpo pós-moderno, associados a uma “espécie de autonomia corporal” (Barbosa et al., 2011, p.30), ainda que nunca dissociada da identificação com os padrões dos grupos de referência (idem), sirva como exemplo o aumento do número de pessoas com o corpo tatuado. Este constitui o panorama para um corpo em metamorfose (Paim & Strey 2004, citado por Barbosa et al., 2011), corrigível, reconstruível e uma forma de expressão do eu.

Começa, então, a falar-se na corporeidade, designada assim na sociologia, definida como “um fenómeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginário” (LeBreton, 1957, p.7). O corpo adquire, assim, um valor semântico através do qual a relação com o mundo é construída, ao inserir o indivíduo no âmago do espaço social e cultural (Le Breton, 1957). Pode servir como instrumento para construir a identidade, para criar uma narrativa pelo indivíduo escolhida (Lopes, 2011) – a história de si que quer contar. Deste modo, o corpo pode ser pensado enquanto invólucro do psíquico, como componente estrutural da identidade e variável moderadora da relação (Ribeiro, 1996). Integra-se como parte da produção de processos sociais, criando uma ligação entre o indivíduo e o contexto em que está inserido (Bourdieu, 1977, citado por SchildKroust, 2004).

Pode, então, falar-se numa subjetividade corpórea, na medida em que a superfície corporal parece ser tratada não apenas como uma entidade biológica e a fronteira do indivíduo como ser biológico e psicológico, mas também como a fronteira do *self* social (Turner, 2012). Nesta perspetiva, Turner (2012) introduz a expressão “*Social Skin*”, que implica vários níveis, desde a fronteira social entre o ator individual, e os outros. Entre as “energias libidinosas” e os “outros internalizados”, logo, entre o ego e o super-ego. Por fim, são as modificações desta “*social skin*”, que definem as categorias de indivíduos e, portanto, a ligação entre as classes sociais (Csordas, 1994, citado por SchildKroust, 2004).

No seguimento do que Turner (2012) defende, o corpo como sujeito e objeto material, fragmentado, por isso, numa relação entre duas componentes indissociáveis é, inevitavelmente e indubitavelmente, uma forma de “estar no mundo” (Csordas, 1994, p.10, citado por SchildKroust, 2004). Portanto, o conjunto de definições e de ações em volta deste tema, permite pensá-lo como o corpo que é socialmente construído, simbólico e subjetivo (Barbosa et al., 2011). Um corpo que comporta “posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos” (p.10), que pode ser entendido como um processo de “incorporação” (Lyon & Barbale, 1994, p56, citado por Barbosa et al., 2011) - “Eu sou o meu corpo”.

## **1.2. O Desvio, O Desviante e o Corpo no Desvio**

O desvio é um conceito relativo que deve ser contextualmente pensado, assim como os objetos a si associados – os objetos desviantes. Encontra-se intimamente ligado



à discriminação, aos determinismos dos estereótipos e preconceitos, aos processos de estigmatização, sendo que tudo isto faz parte de um processo social no qual todos estamos envolvidos. Portanto, é premente pensar nas relações de força e nas relações de verdade na origem das dissimetrias sociais Foucault (2002).

Foucault (2002) defende que o poder, na sociedade de direito ocidental, é exercido através da produção de discursos verdadeiros - conducentes à descoberta da verdade. Assim, esta constitui-se como a norma veiculada pelo poder para a sua produção, e os discursos verdadeiros impingidos pela sociedade de direito<sup>1</sup> ocidental transformam-se no veículo do anteriormente dito. Daqui nascem as relações de dominação no íntimo de uma sociedade, através de um poder fluído e despossuído. Não obstante, o poder também se exerce através das disciplinas e/ou técnicas promotoras de saber – poder disciplinar – que produzem discursos que dão forma às leis naturais, assim ditas pelo autor, isto é, à norma. Pode considerar-se, desta forma, o indivíduo como um efeito e um intermediário do poder.

Esta forma de exercício do poder está, portanto, intrinsecamente ligada ao desvio, pela dicotomia que os dois termos – desvio e norma – encerram em si. Após esta menção ao processo de génese da norma, reveste-se de oportuno sentido a definição do desviante. Deste modo, e como explica Becker (1963), entende-se por desviante, o indivíduo cujas ações quebram, ou aparentam quebrar, as normas sociais que são, por isso, qualitativamente distintas da norma. É desta forma, então, que os indivíduos que exercem estes tipos de ações são etiquetados de desviantes. Atendendo ao facto da tatuagem, nas sociedades ocidentais, ter surgido associada a fenómenos desviantes, e as pessoas tatuadas serem estigmatizadas como resultado disso (Larsen et al., 2014), pode efetuar-se um paralelismo com a teoria da “Etiquetagem” de Becker. Neste sentido, pode pensar-se no corpo muito tatuado como um corpo não normativo, qualitativamente distinto do corpo sem marcas e, por isso, desviante.

A marca corporal, símbolo de diferença, pode associar-se ao conceito de *estigma*<sup>2</sup>, um conceito inicialmente utilizado na Grécia antiga, que se referia a sinais corporais incomuns e negativos acerca do estatuto moral da pessoa que constituía o

---

<sup>1</sup> O autor considera por direito o “conjuntos dos aparelhos, instituições, regulamentos, que aplicam o direito”. (Foucault, 2002, p.1)

<sup>2</sup> Os conceitos de estigma e preconceito são distintos. No entanto, ao longo do trabalho são referenciados indiferenciadamente, uma vez que, no discurso dos participantes o termo preconceito cabe no conceito de estigma, mais específico. O objetivo é uma aproximação ou apropriação da linguagem dos sujeitos.

corpo (Goffman, 1990). Mais recentemente, e segundo Foucault (2002), nos séculos XVII e XVIII surge uma nova mecânica do poder que incide primeiro sobre os corpos e sobre o que eles fazem. É por dentro desta lógica que se dizem os corpos como corpos súbditos, isto é, os corpos constituídos pelos efeitos do poder (idem).

O corpo, desta forma, pode ser o espaço onde os seres humanos se tornam objeto de poder político. Isto levanta a questão da ação individual na construção da relação entre o corpo e a sociedade (SchildKrou, 2004). Esta questão encontra-se, por sua vez, enraizada na questão sobre as modificações corporais como resultado da passividade humana (Foucault, 1990, citado por Orend & Gagné, 2009). Se quem modifica o corpo o faz ativamente como exercício de poder (citado por Orend & Gagné, 2009) o ato de ser tatuado pode sugerir uma ação individual diferente dos restantes bens corporais consumíveis (Kosut, 2006).

Pela diferença acima mencionada, fala-se de uma centralidade corpórea - que subjaz a um paralelismo com a centralidade e periferia geográfica e, nomeadamente, na disposição urbana - definida por Fernandes & Barbosa (2016) como o “resultado da valorização de determinados aspetos do corpo, que passam a ser tomados como este deve ser” (p.70). Este pode constituir um ponto de partida para se pensar sobre o corpo. Sendo que o termo “centralidade” pressupõe inelutavelmente uma “periferia”, os autores assumem, então, um corpo periférico como “aquele do qual emanam signos desvalorizados pelos padrões constituintes da centralidade corpórea” (Fernandes & Barbosa, 2016, p.70).

É nesta periferia que se pretende pensar sobre o corpo - o corpo desviante - ou seja, o corpo que é socialmente ostracizado, ou estigmatizado, ou discriminado. Por calcar a ténue fronteira da norma social, ou seja, da normatividade, é que o corpo entra na esfera do desvio, uma esfera que contempla o corpo que se esconde e causa sofrimento ou, tão simplesmente, o corpo que é diferente do da maioria.

## **2. A Identidade**

*“Pois se diz: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível prescinde de definição.”* (Heidegger, 1997, p.27)

Heidegger (1997), ainda que na filosofia, aborda uma questão central transversal a várias disciplinas científicas, a questão fundamental sobre o sentido do ser. Nesta

secção, tenta fazer-se jus, até certo ponto, de uma resposta empenhada no campo da psicologia, através do ser-se alguém com o corpo muito tatuado.

## 2.1. O Eu e o Self

*“The body is the innermost part of the material Self in each of us”* (James, 1890, p.652).

William James acreditava que o *self* se dividia num *self* material, num *self* social, num *self* espiritual e no “ego puro”. A distinção entre o que é do indivíduo (meu) e o próprio indivíduo (eu) é tudo menos simples. A forma como nos sentimos e agimos em relação às coisas, muitas vezes, é igual à forma como nos sentimos e agimos em relação a nós mesmos (James, 1890). Portanto, e constituindo-se como estrutura basilar da identidade, o corpo adquire um estatuto primordial na construção desta relação. William James contribui, desta forma, com uma perspectiva filosófica e existencial para se pensar no “Eu” e no corpo em estreita relação.

Mais tarde, Erikson (1976) propõe o desenvolvimento ao longo do ciclo vital através de estádios psicossociais. A cada estágio está subjacente um conflito emocional com duas valências, uma positiva e outra negativa, e cuja resolução se deve desenlaçar na valência positiva, para que o sujeito consiga lidar com as pressões sociais de forma adaptativa. Por volta dos doze anos, isto é, na fase púbere e durante a adolescência surge o conflito entre a Identidade versus a Difusão, na qual a resolução do mesmo passa por responder à questão essencial de “quem sou eu? ou o que quero ser?”. Nesta fase do desenvolvimento o adolescente procura a sua independência. Procura estabelecer um sentido para a sua vida e assumir a sua integração nos aspetos intelectuais, sociais, sexuais e morais, ainda que muito centrados em si próprios (Erikson, 1976). Esta fase é, portanto, uma fase de moratória e de forte ideologia social, que pode explicar a extrema necessidade do adolescente procurar uma identidade (idem). A tatuagem, neste sentido, pode constituir um recurso útil para o adolescente descobrir e desenvolver a sua individualidade.

Numa perspectiva mais social, Mead (1934) refere-se ao *self* como uma estrutura social, por este emergir no cerne das relações sociais. Portanto, o *self* e o corpo são duas estruturas distintas. Assim, o *self* diferencia-se do corpo por se constituir como sujeito e objeto, enquanto que podem existir experiências corporais que não envolvam o *self*. Tal

é possível através da consciência, que transporta consigo esta capacidade, através de processos de abstração – de uma “*inteligência reflexiva*”. São estes processos, em forma de monólogos, que preparam os indivíduos para as interações sociais. É, pois, durante as mesmas que se dá a consciencialização de um discurso significativo que passa a ter um efeito no próprio indivíduo.

No seguimento deste pensamento, Giddens (1991) teoriza as origens do *self* no “individualismo ocidental”, e refere-o como um projeto reflexivo pelo qual o indivíduo é responsável. É através dele que se forma uma trajetória desenvolvimental do passado a um futuro antecipado. O problema da unificação que lhe é relativo encontra-se associado à proteção e reconstrução da narrativa identitária do *self*, na face das extensas e massivas alterações que a modernidade coloca ao ser (*idem*). A tatuagem, uma vez mais, e pensando nos desafios que estas alterações colocam ao indivíduo, pode ser um recurso protetor e reconstrutor da identidade, por poder conferir um sentido ao ente.

Goffman (1990), por outro lado, afirma a existência de dois tipos de identidade. A “identidade real”, que corresponde ao que o indivíduo é com todos as suas características - dito de uma forma simplista - e a “identidade virtual”, que corresponde à realidade que os outros inferem do indivíduo. Nesta perspetiva, as pessoas consideradas normais são aquelas que não se afastam negativamente das expectativas específicas para as categorias onde se inserem. Pelo contrário, quando se verifica um afastamento indesejado em relação ao que é expectável, a pessoa passa a ser possuidora de um estigma. Dito por outras palavras, quando a diferença entre a “identidade virtual” e a “real” é evidente, a pessoa é portadora de um estigma (Goffman, 1990). Com isto, parece evidente que o corpo muito tatuado é um corpo que sai dos padrões da normalidade corpórea.

Assim sendo, “é justamente porque a relação social é intercorporal que uma dada corporalidade se presta a ser fonte de sociabilidades ou de rejeições, se presta a ser fonte de autoconfiança e de prazer ou, pelo contrário, de baixa autoestima e de sofrimento.” (Fernandes & Barbosa, 2016, p.72). O eu e os outros, neste sentido, constituem a paisagem onde se contempla o corpo e a perceção do mesmo na interação.

Numa confluência de ideias, e como Fernandes & Barbosa (2016) argumentam, “o corpo “(...) ponte de ligação do indivíduo com o mundo e a corporalidade é central na construção da sua identidade e autoestima.” (p. 73). Salienta-se, desta forma, o carácter interacional entre o sujeito e os outros através do corpo e, no presente caso,

através do corpo muito tatuado - que adquire uma atenção especial para a estética pretendida pelo indivíduo e a reação social que pode advir destas mensagens encriptadas aos demais (Ferreira, 2011).

Esta ideia converge com o que Simmel (1997) explica sobre o surgimento das “mais estranhas excentricidades” (p.40). Neste sentido, o corpo com muitas tatuagens pode representar a forma encontrada pelos sujeitos para preservarem a sua autoestima, numa sociedade hiperindividualista. O “ser diferente” como estratégia de captação da atenção dos outros e de preservação do “seu sentido de lugar”, “acentua o empenho nas formas mais individualistas de existência pessoal” (Simmel, 1997, pp.40-41).

## **2.2. O Corpo, a Tatuagem e o Self**

*The surface of the body, as the common frontier of society, the social self, and the psychobiological individual; becomes the symbolic stage upon which the drama of socialization is enacted, and bodily adornment (in all its culturally multifarious forms, from body-painting to clothing and from feather head-dresses to cosmetics) becomes the language through which it is expressed.* (Turner, 2012, p.486)

O corpo tatuado, em Portugal, começou a ser analisado numa ótica patológica e, mais especificamente, relacionada com os fetichismos, associados a comportamentos auto-lesivos (Peixoto, 1893). Há uma associação muito forte entre o que o corpo do indivíduo expressa e aquilo que a pessoa é, entre o *self* e o eu, através de uma tradução corporal que pode ser lida nas tatuagens (Arp, 2012).

O desenvolvimento da identidade, intrínseco ao processo ontológico inerente a cada pessoa, é a ponte proposta do tema do corpo para a psicologia, como expresso anteriormente. É um facto que a camada mais jovem da sociedade é a que mais modificações corporais efetua, incluindo a tatuagem na panóplia de alterações corporais existentes (Ferreira, 2006), facto este que parece convergir para o conflito psicossocial na adolescência, explicado por Erikson (1976).

Pensar na construção da identidade em relação com o corpo tatuado implica uma relação do indivíduo com ele próprio e uma relação do indivíduo com os outros, em que a ferramenta principal é o corpo. Esta relação entrelaça as significações pessoais da materialização estética, bem como as significações sociais, o que envolve um cenário denso de símbolos. Como tal, e em primeiro lugar, devemos pensar no corpo tatuado,

que o é, por significações inerentes à biografia do sujeito (Ferreira 2011), ou por uma lógica de consumo (Ferreira 2006). Não obstante, não deixa de ser um corpo que necessita de uma legitimação e confirmação, uma vez que provoca ou expecta, de alguma forma, o reconhecimento social (Ferreira 2009). Esta linha de pensamento conflui com o que Le Breton designou, relativamente ao indivíduo com muitas tatuagens, – *“uma estética de presença”* (Le Breton, 2002, p.103, citado por Ferreira 2009). Daqui levanta-se a questão sobre a fronteira entre o indivíduo e a sociedade, entre sociedades, e entre representações e experiências, uma vez que a tatuagem evidencia esta questão central na antropologia (SchildKROUT, 2004).

### **3. Modificação Corporal**

*“Já se tratou desse homem pós-humano, que se esboça na arte. Essa perspectiva pós-humana põe em xeque e em crise as certezas em matéria de identidade e de autocerteza (...)”* (Michaud, 2008, p.562)

#### **3.1. A Modificação Corporal**

“Em sentido amplo o termo modificações corporais se refere a um leque imenso de práticas que inclui: tatuagem, piercing, branding, cutting, implantes subcutâneos, etc. Também são formas de modificação corporal: o bodybuilding, atividades de fitness e de wellness, anorexia e jejum, bem como todo o tipo de próteses internas e externas ...” (Ortega, 2008, p.57)

O corpo aparece, pela primeira vez, como potencial de produção no século XX - o corpo como veículo de arte, como material para tal (Michaud, 2008). Nesta perspectiva, o corpo passa a ser sujeito e objeto do ato artístico, sendo possível geri-lo, transformá-lo e manipulá-lo, possivelmente, como resultado da evolução tecnológica e científica - seja por via da cirurgia, da terapia ou da droga, por exemplo (idem). Numa outra lógica, a modificação corporal, seja por que meio for, pode constituir-se como uma forma de consumo onde o corpo se inclui no inventário de consumidor (Lopes, 2011).

As ideias expressas por estes dois autores representam uma das respostas para as teorias pós-modernas – a importância do corpo nas sociedades ocidentais. As

modificações corporais como representações do exótico, são um interesse na interface do corpo, da psicologia e da sociedade. A pele é, então, estudada como uma forma visível de definição identitária e de diferença cultural (Ferreira, 2011).

A modificação corporal, neste sentido, permite pensar e agir sobre o corpo como “um objecto privilegiado de sujeição à vontade individual, um “acessório” (Le Breton, 1999, citado por Ferreira, 2004). O desejo e o empenho idiossincrático podem, assim, traduzir a personalização de uma escolha através do corpo (Ferreira, 2004). Esta perspectiva estreita-se com “a emergência de um modo de socialização e de individualização inédito” (Lipovetsky, 1983, p.25), e com um universo de valores hedonistas (Lipovetsky, 1983). A modificação corporal como um fenómeno de personalização é um fenómeno da pós-modernidade, fundada num hiperindividualismo, como explica Lipovetsky:

“Sem dúvida, o direito de um indivíduo ser absolutamente ele próprio, de fruir ao máximo a vida, é inseparável de uma sociedade que erigiu o indivíduo livre em valor principal e não passa de uma última manifestação da ideologia individualista.” (p. 28).

Neste sentido, o corpo tatuado pode ser considerado como “*Body project*”, como um panomara flutuante de significados e de estatuto social, papéis e identidades (Shilling, 1993, citado por Atkinson, 2004, p.125). Ferreira (2009) apropria-se do termo supramencionado para o contexto português, e define-o como um projeto de marcação corporal. Desta forma, deve pensar-se num “*body work*” contemporâneo de onde emergem perspectivas antropológicas, sociológicas, psicológicas, etc. (Benson, 2000, citado por SchildKrou, 2004, p.319).

### **3.2. A História da Tatuagem e o Corpo Tatuado**

“Ta tu”, palavra de origem Tahitiana, que significa marca, deu origem ao termo tatuagem (Bell, 1999). Esta é uma prática ancestral e com uma amplitude geográfica estendida a praticamente todo o continente (Bell, 1999; Peixoto, 1893; Roberts, 2012). Os primeiros registos da mesma estão situados em Portugal, na França e na Bélgica (Peixoto, 1893).

Referenciado na literatura científica sobre a tatuagem, pensa-se que, nas sociedades aborígenes, holistas, esta forma de modificação corporal servia como marcador de *status* social, isto é, que representava uma idiossincrasia social (Mauss,

1996, citado por Ferreira, 2011). Englobava, por isso, funções estruturais (por fazer parte de rituais estruturais na sociedade) e significados conhecidos pela comunidade (Ferreira, 2011). Neste contexto, a tatuagem pode ser considerada como uma forma de biopoder, ou seja, como “uma forma microfísica de exercício de dominação e controlo social sobre o indivíduo” (Foucault, 1979, citado por. Ferreira, 2011, p.138). No entanto, existiam sentidos distintos para esta prática, por exemplo, na China utilizavam-na para marcar os criminosos e os escravos (Reed, 2000, citado por Folkz, 2014; SchildKrou, 2004). Será por esta razão que Lombroso terá comparado os criminosos aos “selvagens tatuados”, por partilharem uma menor sensibilidade à dor (Lombroso, 1911, citado por Kosut, 2005), por exemplo.

Mais tarde, nas sociedades ocidentais, são os marinheiros, mercantes e os trabalhadores do circo que começam a tatuar os seus corpos (SchildKrou, 2004). Por este motivo, a tatuagem começa a ser associada aos mesmos e, posteriormente, aos fenómenos da droga e da prostituição. É desta forma que as classes sociais mais pobres começam a dominar a tatuagem ocidental até meados do séc. XX, sendo o estigma associado a estes fenómenos e a estes atores sociais. Por esta altura, a tatuagem era símbolo do desconhecido exótico (Bulwer, 1653 citado por Schildkrou, 2004; Kosut, 2006), e até às últimas duas décadas do séc. XX, os académicos reconheciam a tatuagem como uma representação semiológica de patologia e desviância (Atkinson, 2004; Larsen et, al., 2014), uma marca de diferença comumente associada à criminalidade, à doença mental, a subculturas desviantes, e não como uma prática artística (Kosut, 2006).

É a partir do momento em que vários movimentos sociais se apropriam das marcas “exóticas” (Bell, 1999) como forma de afirmação identitária - movimentos feministas; punk; gótico; neo-tribal - que esta prática começa a ser transversal nas várias classes sociais, e se incorpora nos *media*, como parte da cultura das celebridades e da moda (SchildKrou, 2004). Começa a falar-se, assim, de uma “estética corporal da classe média” (White & Young, 1997, citado por Atkinson, 2004). A tatuagem passa, desta forma, a ser designada como um meio significativo para modificar o corpo e como uma forma cultural valorizada (Kosut, 2006). As funções estéticas e culturais da mesma revelam a sua transversalidade, que não deixa de ser o resultado de um processo de aculturação da tatuagem ao longo do tempo, até chegar à exposição em grandes museus, por exemplo (idem).



Neste seguimento, e para se entender a popularidade da tatuagem nas últimas décadas do séc. XX, tem que se ter em consideração “uma abrangente tendência global, cultural, política e económica” (Kosut, 2006, p.1036). Portanto, é desde a década de 60, que a cultura popular ocidental vê ressurgir a prática das modificações corporais, no que respeita à popularidade das tatuagens (Orend & Gagné, 2009). No entanto, é apenas nas últimas décadas, que a tatuagem é aclamada pelos peritos como forma artística, adquirindo uma “*quasi*” legitimidade, quer académica quer artística, pela sua associação à cultura e à estética (Kosut, 2006). O seu estatuto é elevado, sob diversas formas, ao ser designada como “*fine art*” (Vail, 1999, citado em Kosut, 2006).

Discursos semelhantes a estes começam a ser utilizados pela comunidade da tatuagem, e uma das formas mais importantes de vinculação da tatuagem ao *mainstream* artístico dá-se com a profusão de artistas académicos treinados a entrarem na profissão. De certa forma, a emergência da arte da tatuagem como categoria estética pode ter resultado deste processo. É assim que a “*body art*”, nas culturas ocidentais, se transforma numa prática da moda transversal às fronteiras sociais do género, da “*fine art*” e da “cultura popular”, ainda que fortemente influenciada pelas práticas tribais (SchildKrou, 2004). Neste sentido, as tatuagens podem ser pensadas como um “elemento constitutivo da sociedade de consumo, do espetáculo e do mundo da moda” (p.58) inserida na contemporaneidade, não constituindo uma prática associada a grupos marginais e/ou subculturas.

Assim, a prática da tatuagem começa a integrar a panóplia das modificações corporais possíveis, diluída nos processos de produção e consumo diário (Larsen et al., 2014). Os discursos que lhe estão associados transformaram-se ao longo do tempo, conferindo estatutos mutáveis à arte e aos seus atores sociais (Kosut, 2006). As ligações históricas entre a arte, a criatividade e as psicopatologias demonstram a relatividade e a fluidez das crenças culturais (idem). Desta forma, novos significados começam a ser criados através das exposições que postulam a tatuagem como arte (Kosut, 2005) e a tatuagem como prática previamente ignorada e marginalizada enceta-se num processo de (re)inscrição cultural (idem). Esta prática de modificação corporal, para além de constituir uma forma de arte, começa a ser contextualizada numa expressão idiossincrática do indivíduo (Bell, 1999). O ato de tatuar passa a estar incorporado, pois, em rituais de transformação pessoal (SchildKrou, 2004).

A tatuagem passa a poder ser considerada, então, como uma forma de “capital social” (Boudieu, 1984, citado por Atkinson, 2004), onde, tal como na cirurgia estética ou no corpo tonificado, a mesma produz corpos melhorados esteticamente e mais valorizados. Converte, tal ideia, com a perspectiva da tatuagem como uma prática pró-social e de comunicação regulada afetivamente, ao invés da patologização e da automutilação (Elias, 1993, 1994, 1995, citado por Atkinson, 2004).

Ferreira (2011) destaca o fenómeno de liquidificação social e identitária como um contexto em que a tatuagem serve como um recurso “*auto-bio-gráfico*” numa sociedade hiperindividualista. Agora, a mesma assume uma idiosincrasia individual, que expressa a singularidade e autenticidade do sujeito. Como Benson (2000) (citado por Ferreira, 2011) afirma, no seu propósito, passa a existir um projeto de individuação, a inscrição da vivência de momentos importantes da vida da pessoa, para que possam ser recordados posteriormente (Ferreira, 2011). Esta tentativa de explicação encontra-se em íntima relação com o que Turner defende como “*expressão de transformação ontológica*”, porque implica alterações irreversíveis no ser (Turner, 1995, citado por Ferreira, 2011).

### **3.3. A Tatuagem na investigação**

O interesse académico sobre a prática da tatuagem não é recente. Em Portugal, por exemplo, a primeira monografia sobre a tatuagem, da autoria de Rocha Peixoto, data do ano de 1893. Pelo globo, há investigações sociológicas e antropológicas sobre este tema desde o começo das ciências sociais (Peixoto, 1893). São exemplos a panóplia de estudos da tatuagem na tribo Kayapo (Turner, 2012) e nas tribos Maori (Bell, 1999), assim como em tantas outras tribos.

Apesar deste facto, denota-se alguma dificuldade dos cientistas sociais em estudarem o fenómeno da difusão da tatuagem na cultura popular, sem o associar à desviância e/ou às doenças mentais (Atkinson, 2004; Lane, 2014; Roberts, 2012). Ou seja, a tatuagem como uma prática normativa raramente foi considerada, porque é assumida a patologia ou do ator ou do ato (Atkinson, 2004) e, assim como o pseudo-mito científico do louco e do artista, a noção do desviante tatuado é um conceito duradouro (Kosut, 2006). A tatuagem, atendendo a esta leitura da mesma, é desconstruída como uma “prática que, propositadamente, significa e promulga uma

imagem de diferença” (Atkinson, 2004, p.128), ou seja, é uma prática homóloga a um estilo desviante (Willis, 1978, citado por Atkinson, 2004).

São exemplo do referido os estudos psicológicos entre as décadas de 60 a 90, que influenciados pela literatura existente, confirmavam a relação entre a tatuagem e a instabilidade mental. Um exemplo pode ser encontrado no artigo de Post (1968) (citado por Roberts, 2012) - “*The Relationship of Tattoos to Personality Disorders*” – no qual todos os motivos para a aquisição de uma tatuagem são reduzidos em uma de três categorias de desviância sexual. Ainda neste sentido, alguns psicólogos sociais (citado por Atkinson, 2004) convergem com a literatura médica, por incidirem numa lógica de patologização, na medida em que a tatuagem prediz ou está correlacionada com comportamentos desviantes sérios como a auto-agressão (Stirn & Hinz, 2008), entre muitos outros.

Portanto, a maioria dos estudos empíricos falha, por não considerar a projeção do corpo tatuado como símbolo de conformidade com o idioma cultural prevalecente, ou expectativas de um controlo afetivo. Ainda menos estudos há sobre a possibilidade do corpo tatuado como um trabalho corporal - como aparato para exibir o individualismo aos outros (Atkinson, 2004). Não obstante, e numa ótica diferente à mencionada, os estudos mais recentes enfatizam a tatuagem difundida na cultura popular e a alteração dos significados em relação à mesma (DeMello, 2000, citado por ...Kosut, 2006).

Apesar do enviesamento científico supramencionado, a tatuagem pode ser associada a fenómenos de desviância negativa<sup>3</sup> e de desviância positiva<sup>4</sup> (Irwin, 2003). Atkinson (2003), por exemplo, apresenta a abordagem mais compreensiva da tatuagem contemporânea. Como sociólogo e etnógrafo situa a prática da tatuagem dentro de um complexo contexto histórico e sócio-psicológico, evitando de forma deliberada a retórica da desviância. Neste sentido, o autor estuda a tatuagem como uma forma de conformidade em relação a códigos estabelecidos de controlo corporal, sendo que as sensibilidades contemporâneas sobre a pele tatuada são interpretadas como processos civilizacionais a longo prazo (Atkinson, 2004).

---

<sup>3</sup> A ideia de desviância negativa inclui as pessoas que quebram com as normas, geralmente tratadas de forma diferente aos “indivíduos convencionais” (Irwin, 2003).

<sup>4</sup> A ideia de desviância positiva inclui os indivíduos que excedem as normas sociais (e.g. jogadores de futebol, artistas famosos) (Irwin, 2003).

Desta forma, com base numa perspectiva fenomenológica e construtivista, passa-se a considerar o corpo fenomenológico (periférico ou não, individual ou social), um objeto fundado na densidade simbólica construída, resultado de conhecimentos mantidos por processos sociais. Este valor atribuído aos processos de construção social, dotam o corpo de uma especificidade histórica e cultural, pois a leitura deste corpo periférico é-o numa cultura não o sendo necessariamente numa outra - o corpo contextual. Assim como o corpo valorizado negativamente no presente pode ter sido valorizado positivamente outrora, fazendo do corpo um construto volátil. Então, os signos do corpo e atribuídos ao mesmo, limitados pelos discursos de normalização sobre o que este deve ou não deve ser, podem desencadear processos de estigmatização do corpo que não é belo (Ribeiro, 1996). Ainda assim, este corpo considerado não estético é o almejo de uns quantos indivíduos que socializam através da diferença, da provocação, através da construção de um projeto de marcação corporal (Ferreira, 2006).

“O que é um corpo ostracizado? O que é um corpo valorizado negativamente pela sociedade?”. Tal como um corpo obeso pode ser enfatizado negativamente, como descrevem Fernandes e Barbosa (2016), também um corpo deficiente o pode ser, tal como de um sem abrigo ou de um toxicodependente. Não obstante, existem aqueles indivíduos que intencionalmente intervêm sobre o corpo para o alterar, mesmo sabendo que a sociedade pode não valorizar o resultado das modificações por si desejadas, por ser algo definitivo e que muitas vezes está à mostra de forma intencional. É, portanto, através das pessoas com o corpo muito tatuado, que se pretende responder a algumas das questões acima mencionadas, de forma a descrever e explicar os processos envolvidos neste tipo de modificação corporal.

## **Capítulo II – Metodologia**

### **1. Objeto de estudo, Objetivos e Questões de Investigação**

As pessoas com o corpo muito tatuado ou com muitas tatuagens representam a melhor designação encontrada para o objeto de estudo da presente dissertação. Uma vez

que se pretendeu a construção de uma definição émica do objeto de estudo, a mesma encontra-se desenvolvida no capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados.

O primeiro objetivo da investigação prende-se com a identificação das motivações dos indivíduos para marcarem o corpo ao longo do tempo, e de forma definitiva. O segundo objetivo visa a descoberta das intenções do sujeito no ato da construção de um “projeto corporal”, assim como das reações sociais percebidas pelos indivíduos com muitas tatuagens, em relação a si e ao seu corpo. Por fim, o terceiro objetivo assenta na procura da possível construção identitária através da pele tatuada. Este último objetivo inscreve as significações da tatuagem no desenvolvimento identitário ao longo do ciclo vital, a fim de se compreender a relação entre a modificação corporal, que é a tatuagem, e a transformação do *self* e do eu.

Para se atingirem os objetivos supramencionados foram propostas as seguintes questões de investigação: 1) O que motiva um indivíduo a tatuar o seu corpo ao longo do tempo?; 2) Quais as reações sociais percebidas pelos indivíduos muito tatuados relativas a si e ao seu corpo?; 3) Como se constitui a significação da materialização estética entre o indivíduo, a identidade, o meu eu e o self?

## **2. “Paradigma da Investigação”**

### **2.1. Construtivismo Social**

*“According to a social constructionist viewpoint, the measurement of psychological variables is itself one more way of making them real, of constructing them.”* (Willig, 2013, p.8)

O construcionismo social tem como proposição fundamental a verdade como um processo de construção social, desafiando o conceito da mesma como absoluta e universal (Mahoney, 2003). Um dos seus objetivos, e das suas vantagens, é efetuar investigações úteis, tomando lugar para dar voz às pessoas sobre as quais são emitidos juízos científicos (Gergen & Gergen, 2011). Esta é uma perspetiva que promove conhecimentos plurais, tendo em conta a relatividade histórica, cultural e linguística:

*“Social constructionism draws attention to the fact that human experience, including perception, is mediated historically, culturally and linguistically”* (Willig, 2013 p.7). Assim, no construtivismo social, o ser humano é ativo e criador de

significados individuais (Mahoney, 2003). Aqui, o corpo serve como ponto fundamental da experiência pois “encoraja um profundo sentido fenomenológico da individualidade ou identidade pessoal” (Mahoney, 2003, p.5).

## **2.2. Metodologia qualitativa**

A metodologia qualitativa pode ser definida como *“a situated activity that locates the observer in the world. It consists of a set of interpretive, material practices that makes the world visible. These practices ... turn the world into a series of representations including fieldnotes, interviews, conversations, photographs, recordings and memos to the self. At this level, qualitative research involves an interpretive, naturalistic approach to the world. This means that qualitative researchers study things in their natural settings, attempting to make sense of, or to interpret, phenomena in terms of the meanings people bring to them.”* (Dezin & Lincoln 2000, citado por Snape & Spencer, 2003, pp. 2-3).

De acordo com o parágrafo supramencionado, atendendo à natureza exploratória do presente estudo, e dada a escassa literatura dentro da área da psicologia em relação ao tema da tatuagem, enveredou-se pela metodologia qualitativa. Esta é uma abordagem naturalista e interpretativa, com crucial enfoque nos significados dos sujeitos sobre a sua realidade (Snape e Spencer, 2003). Desta forma, foram enfatizadas as experiências das pessoas com muitas tatuagens, bem como os significados atribuídos a essas experiências nos contextos das suas vivências – abordagem fenomenológica.

Existe, pois, uma consistência entre a metodologia qualitativa e o construtivismo social, isto é, uma consistência entre o ponto de partida filosófico e o método adotado (Morse, 2001 citado por Snape & Spencer, 2003). Estes formam, em conjunto, o quadro conceitual para a escolha do conjunto das técnicas adotadas para a recolha e o tratamento de dados, que serão explicados de seguida.

## **3. Técnicas, Procedimentos e Participantes**

A técnica *snowball*, ou *snowball sampling*, consiste numa forma de amostragem não probabilística<sup>5</sup> e intencional, que utiliza cadeias de referência, isto é, uma espécie de rede (Baldin & Munhoz, 2011). Revela-se útil quando há a pretensão de se aproximar de situações sociais específicas, como no caso da presente investigação, e tem a vantagem de atribuir visibilidade aos atores sociais (Albuquerque, 2009, citado por Baldin & Munhoz, 2011) – aqui, os indivíduos com o corpo muito tatuado. Esta foi a técnica utilizada para chegar aos participantes do estudo.

O primeiro contacto efetuado foi numa loja de tatuagens, pela facilidade de acesso a pessoas tatuadas ou, pelo menos, que conhecessem pessoas com muitas tatuagens. Deste modo, os profissionais que trabalham nas lojas de tatuagens foram os informantes chave. Por vezes, houve pessoas conhecidas da própria investigadora que tinham conhecimento de pessoas alvo da investigação e, de igual forma, passavam a ser contactadas para possíveis entrevistas. Após o primeiro contacto, era pedido ao participante o contacto de pessoas possivelmente disponíveis para participarem. Com esta técnica, conseguiu-se estabelecer uma rede que permitiu a constituição de uma amostra de conveniência. Este método revelou-se útil porque esta população não é uma população facilmente acessível no dia-a-dia, uma vez que não há tantas pessoas muito marcadas corporalmente que se prontifiquem a falar sobre a opção de terem o corpo tatuado.

Um dos métodos utilizados foi a entrevista semiestruturada<sup>6</sup> (cf. Anexo I). Esta permite um acesso em profundidade à realidade dos participantes, o que constitui um dos objetivos propostos para a dissertação. A realização das mesmas aconteceu maioritariamente em cafés, no interior ou exterior, exceto duas das entrevistas que se realizaram no local de trabalho dos participantes, por ser o local que melhor se proporcionou, e onde os participantes se sentiram mais confortáveis. Apenas estavam presentes a entrevistadora e o entrevistado, ao qual foi sempre apresentada uma contextualização do estudo e dos seus objetivos. Ainda antes de começar a entrevista,

---

<sup>5</sup> Diz-se amostragem probabilística por “não ser possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na amostra.” (Albuquerque, 2009, citado em Baldin & Munhoz, 2011)

<sup>6</sup> A entrevista semi-estruturada é um método flexível, mas suficientemente estruturado para atender aos tópicos específicos de determinada investigação e, simultaneamente, permite um espaço para os participantes contribuírem com novos significados para o fenómeno em estudo, tendo um grande potencial para atender à complexidade da história de um indivíduo dentro dos seus contextos (Galleta, 2013).

havia uma conversa sobre um tema neutro para que a relação de empatia fosse facilitada para ambas as partes.

O esclarecimento de que a entrevista constituía um procedimento informal, em registo de conversa sobre a tatuagem e tudo o que está implicado na dissertação, constituiu sempre o primeiro momento com todos os participantes. Era, também, esclarecido que não havia respostas certas ou erradas, e que não havia obrigatoriedade de resposta, podendo a entrevista terminar assim que o participante quisesse. Ainda concernente a este tópico, é relevante referir que era sempre frisado o carácter confidencial e privado da entrevista, para salvaguarda dos participantes<sup>7</sup>. Realça-se que a conversa obedecia, obviamente, a um guião pré-estabelecido, que não seguia necessariamente o mesmo encadeamento, dando espaço e abertura aos relatos dos participantes, e respeitando o tempo necessário para cada um deles.

As entrevistas ocorreram ao longo de quatro meses, tendo a primeira acontecido no mês de Março de 2017 e a última no mês de Agosto de 2017. O tempo de duração das mesmas foi muito díspar – houve entrevistas que demoravam uma hora e meia, e outras apenas meia hora. Para finalizar, o material utilizado foi sempre o telemóvel da investigadora para a gravação de áudio (para a posterior transcrição) e para o qual era sempre esclarecido o propósito e pedida a autorização. A entrevista mais curta durou cerca de doze minutos, no entanto, optou-se por integrá-la no estudo dada a sua utilidade em termos de informação.

A população de participantes teve dez entrevistados, sendo cinco do género masculino e cinco do género feminino. As idades compreendem-se entre os vinte e três anos até aos quarenta e três anos, sendo a faixa etária com maior número de participantes a dos vinte aos trinta. Todos os participantes se encontram empregados, e três deles exercem atividade profissional de tatuador. Todos têm nacionalidade portuguesa, excetuando duas participantes, uma nascida no Brasil e outra na Alemanha, e todos são falantes nativos do português. Em termos de região geográfica, as entrevistas realizaram-se em três distritos: Porto, Braga e Lisboa. Dentro do distrito do Porto, duas realizaram-se no concelho de Felgueiras e quatro realizaram-se no concelho do Porto. No do distrito de Braga tiveram lugar três entrevistas na cidade de Guimarães. Por fim, uma das entrevistas deu-se na cidade de Lisboa.

---

<sup>7</sup> Para salvaguarda da privacidade e confidencialidade dos participantes, foi atribuída aleatoriamente uma letra a aos mesmos, no capítulo seguinte.



O critério de inclusão foi a pessoa ter um número considerável de tatuagens. Como este é um critério complexo, como se explica no capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados, foi incluído qualquer indivíduo que se considerasse mais tatuado do que as pessoas comuns.

## **4. Tratamento dos dados**

### **4.1. Análise de Conteúdo Categorical Temática**

Pensou-se na análise de conteúdo categorial temática como um método adequado e eficaz, por ser inferencial e interpretativo dentro das metodologias qualitativas. O mesmo pode ser definido como um “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (Bardin, 1977, p.44). Segundo a autora, é “cronologicamente, (...) a mais antiga; na prática, a mais utilizada” (Bardin, 1977, p.199) e, ao dismantelar o texto em unidades, faz-se “rápida e eficaz na aplicação a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (Bardin, 1977, p.199). A análise de conteúdo trabalha a fala, as significações (conteúdo), “procura conhecer o que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (p.45), “é a busca de outras realidades através das mensagens”. “(...) Visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc. por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra particular de mensagens” (Bardin, 1977, p.46).

A sua abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências. Corresponde, por isso, a uma prática mais intuitiva, maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses (idem). Pode funcionar sobre *corpus* mais reduzidos, como é o caso, pois estabelece categorias mais discriminantes. O tipo de codificação<sup>8</sup> efetuada foi, portanto, qualitativa e, o

---

<sup>8</sup> Pode definir-se por codificação “um processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Holsti, 1969 cit in Bardin 1977 p. 129).

critério de categorização<sup>9</sup> utilizado foi semântico, pois houve recurso a temas<sup>10</sup> para se produzir um sistema de categorias<sup>11</sup> (idem).

Sendo este um estudo de carácter exploratório<sup>12</sup>, justificou-se o uso da análise de conteúdo categorial temática (cf. Anexo II), pois se quis entender quais os temas destacados e as categorias emergidas, especificamente cinco, na confluência entre a identidade e o corpo muito tatuado. Assim, depois de realizadas as entrevistas, os ficheiros de áudio foram transferidos para o computador e transcritos através do *Microsoft Word*. Posteriormente, fez-se um desmantelamento desse texto em unidades de conteúdo e, seguidamente, um processo de codificação<sup>13</sup> e de categorização das mesmas em temas específicos. Finalmente, procedeu-se a uma interpretação das categorias encontradas, que culminaram nos resultados descritos e explicados no Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados – que se apresenta de seguida.

### **Capítulo III - Apresentação e Discussão dos Resultados**

No presente capítulo são apresentados, sob a forma de resultados, as categorias, subcategorias e sub-subcategorias, que emergiram da análise de conteúdo categorial temática, assim como a discussão das mesmas. Esta é uma discussão crítica, que visa o debate das congruências e/ou incongruências dos mesmos com o enquadramento teórico. Atendendo ao último facto, e não menos importante, também tem como objetivo a criação de um espaço que dê azo a futuras investigações, como se poderá constatar pelos resultados apresentados de seguida.

---

<sup>9</sup> Pode definir-se por categorização como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. (Bardin, 1977 p. 145).

<sup>10</sup> Pode definir-se por tema “uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade é de ordem psicológica: podem constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições) (Bardin, 1977).

<sup>11</sup> Pode definir-se por categorias “rúbricas ou classes, as quais reúnem um conjunto de elementos (...) sob um título genérico (...) efetuado em razão das características comuns destes elementos” (Bardin, 1977 p. 145)

<sup>12</sup> Um estudo exploratório procura descobrir dentro de determinado fenómeno social quais os significados conferidos pelos sujeitos às suas ações, e quais as problemáticas que lhe dizem respeito. Tem como principal objetivo perceber e investigar o mesmo sem expectativas explícitas, e está, por isso, associado à utilização de métodos que capturam grandes quantidades de informação relativamente desestruturada, ou que conduzem o campo de investigação numa nova direção (Schutt, 2015).

<sup>13</sup> Pode definir-se por codificação “um processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Holsti, 1969 cit in Bardin 1977 p.129).

## 1. A Materialização Estética

*“Não é apenas marcar a pele, é mais do que isso. (...) Eu gosto de um desenho! Ou gosto de um tema que transmite-se num desenho, que coloco na pele”* (T., 25 anos)

A tatuagem como um *processo de materialização estética* é a expressão que melhor traduz a vivência da tatuagem, a ver da investigadora. Uma das principais questões da entrevista semi-estruturada consistia em perceber se esta definição fazia sentido para os participantes. Surpreendentemente, foi uma das poucas questões com respostas consensuais, embora uns participantes enfatizassem mais a componente estética e outros a da materialização.

A dimensão estética é, mais facilmente explicada, por ter a ver com o desenho e com a arte envolvida no mesmo, *“Estético tem sempre. (...) Independentemente do significado que tenha, acho que interfere sempre com a estética”* (N., 43 anos). Por se concetualizar uma das componentes da tatuagem como algo estético, e pelo facto da estética estar intimamente ligada com a arte, a tatuagem foi definida por todos os participantes como uma forma de arte - *“A tatuagem começa por uma arte”* (M., 23 anos).

A dimensão da materialização, por sua vez, prende-se com a concretização das ideias, gostos, sentimentos ou emoções dos sujeitos, através da tinta na pele, da afiguração passível de se ver e tocar. Não se definiria melhor do que a explicação proposta por um dos participantes - *“Ao fim ao cabo é tornares concreto algo que antes era abstrato. Portanto, materialização, sim, faz sentido. Tu tornas concreto o que antes era abstrato, tem um traço de personalidade. Seja um gosto pessoal, seja uma emoção momentânea, seja o que for. Tudo isso é algo que é abstrato, não é palpável, não é mensurável, não é nada ... E d`um momento p`o outro passa a ser, porque está ali. É físico, ou seja, consegues ver, consegues tocar, consegues apreciar, consegues uma opinião sobre algo concreto. (...) Portanto, sim, é materialização de algo, sem dúvida”* (E., 35 anos).

Um acrescento à definição proposta consta na arte referida, por todos os participantes, como um elemento fulcral da tatuagem, que revelou ser uma resposta praticamente unânime. Esta *forma de arte* assume uma componente tão forte que, só por

si, parece ser suficiente para a definir como tal. Pode, também, associar-se ao desenho em si, como arte, que é pintado na pele (no corpo) - *“Peça de arte no corpo”* (L., 33 anos) - ou então, pode associar-se ao processo de criação do próprio desenho, idealizado pelo indivíduo e concretizado pelo tatuador profissional.

### **1.1 A Materialização estética, uma forma de expressão**

A definição de tatuagem não parece divergir de sujeito para sujeito, uma vez que, ao longo das entrevistas é descrita como uma forma de expressão artística e do próprio indivíduo. Parece que a tatuagem assim o é, por poder ser utilizada como uma forma de comunicação dos gostos, sentimentos, pensamentos, e do “mundo” onde se insere o indivíduo. Esta representa uma definição análoga ao que Fernandes (1990) designa por fenómeno de leitura ótica - *“os sinais emitidos pelo visual – que permitem um primeiro nível de descodificação.”* (Fernandes, 1990, p.195)

#### **1.1.1. A tatuagem, forma de expressão artística e do indivíduo**

Assim sendo, o processo de materialização estética surge, no discurso dos participantes, como um tipo de arte e uma forma de expressão artística:

*“A tatuagem, para além de ser uma forma de arte, uma forma de expressão artística, a tatuagem é, sem dúvida, também uma questão estética”* (L., 33 anos).

A expressão artística pode ser considerada como tal pelo desenho em si - *“São desenhos que eu escolho”* (D, 28 anos), ou seja, por se poder constituir como uma *“Peça de arte no corpo”* (M., 23 anos). Seja, não obstante, pelo trabalho do tatuador e/ou seja pelo gosto da arte. Em relação a este último aspeto, salienta-se que, de alguma forma, os sujeitos entrevistados expressam uma relação próxima com a arte, mesmo quando não são tatuadores profissionais ou profissionais no ramo artístico, *“A arte ... sempre tive (...) muito ligado à arte, apesar da minha área ter ido por outro lado, mas sempre tive ligado.”* (N., 43 anos), ou não fosse cada vez mais uma prática associada à arte, e apropriada pela mesma como tal (Kosut, 2006).

Uma constatação aflora para além da arte e expressão artística, *“(...) as tatuagens acabam por refletir um bocado aquilo que tu és”* (E., 35 anos), isto é, acabam por espelhar uma parte do indivíduo que ele intencionalmente deixa ou quer espelhar. É assim que irrompe como veículo de comunicação do próprio indivíduo em relação aos

outros, através do corpo tatuado - *“Acaba por ser uma mensagem que queres passar de ti própria”* (D., 28 anos).

Esta comunicação intencional do indivíduo ao outro, através da visibilidade das tatuagens, ocupa uma dimensão importante no mesmo, pela consciência do impacto que causam, facto corroborado com o que Atkinson (2004) expressa como uma forma de identidade individual, que pode ser lida através de sinais culturais. Neste aspeto está implícita a ideia de que a tatuagem pode ser um veículo de expressão dos traços de personalidade - *“A tatuagem é uma questão de expressão, é uma questão de personalidade ... ou falta de personalidade. (...) É uma forma de exprimir a tua arte. É um cartão de visita.”* (L., 33 anos).

Como se observa, é perceptível a função mensageira que adquire a materialização estética para os indivíduos, uma vez que, *“acaba por ser uma mensagem que queres passar de ti própria”* (D., 28 anos). Estes discursos convergem para o *self* que Mead (1934) refere como estrutura essencialmente social, visto existir apenas na interação com os outros. Tão importante como a mensagem da materialização estética, são discursos carregados de significados idiossincráticos, porque concernem à individualidade de cada sujeito. Portanto, neste sentido, assumem-se como uma “manifestação da ideologia individualista (...) a busca de uma identidade própria” (Lipovetsky, 1983, p.28-29).

### **1.1.2 A tatuagem, forma controversa de modificação corporal**

A ideia inserida na definição da tatuagem como modificação corporal não se revelou tão simples como seria de esperar. Por um lado, porque a modificação corporal está carregada de densas significações associadas ao carácter permanente e à radicalidade que implica - *“É uma modificação radical ... no teu corpo”* (E., 35 anos). Por outro, por não adquirirem mais significado do que aquele inerente ao que é uma transformação do corpo, isto é, uma transformação ausente de simbolismo com uma significação nem sempre coerente com o simbolismo associado ao sentido que constitui a própria tatuagem.

A primeira ideia pode associar-se ao que os sujeitos designam por *“tatuagem compromisso”*, pela inevitável permanência no corpo até ao final da vida, sendo que tal surgiu em alguns dos participantes como um compromisso consigo próprio - *“É uma*

*coisa que tu pões na pele e não apagas. É uma forma de compromisso ... extrema. (...) Sabes que vais ter aquilo até ao fim da tua vida! Porque mesmo que removes a laser, é uma cicatriz que fica lá. O teu corpo nunca volta a ser aquilo que era. E tu. Mesmo que tu tapes, nunca vai deixar de ter lá alguma coisa, nunca volta ao que era antes”* (L., 33 anos). Esta ideia vai de encontro à tatuagem como forma importante de compromisso, dado o seu cariz permanente, o que implica uma mensagem forte de quem as tem (Carmen et al., 2012).

Apesar desta radicalidade expressa por alguns dos participantes, a tatuagem nem sempre tem um simbolismo associado, um significado inerente ao símbolo da mesma, na altura em que é efetuada. Em determinados casos tem, noutros casos não, como referenciado. Por exemplo, um dos participantes apenas tatua o corpo por motivações simbólicas - *“Tudo o que fiz foi sempre com algum significado”* (N., 43 anos). A perspetiva expressa está de acordo com a hipótese de que a ornamentação corporal será uma extensão da capacidade humana para expressão do pensamento simbólico (Carmen et al., 2014).

No entanto, existe mais do que uma lógica na construção do significado atribuído às tatuagens. Com isto quer-se dizer que existem tantas lógicas para tatuar quantos indivíduos tatuam. Ainda assim, conseguiu-se extrair, até certo ponto, alguns dos significados inerentes à tatuagem, pela semelhança manifestada em alguns padrões de resposta entre os participantes.

Deste modo, são duas as principais significações inerentes aos *desenhos na pele*. A primeira reside no símbolo significativo (como mencionado) que representa para o indivíduo, e que geralmente se alicersa na família e/ou pessoas significativas - *“Eu fiz a primeira no ombro com o nome da minha mãe. (...) A segunda na perna com o nome dele (pai)”* (S., 28 anos). A segunda reside em acontecimentos, eventos, momentos, ou uma fase da vida específica - *“No fundo são momentos que me foram marcando, o nascimento, a luta ... uma série de coisas, mas sempre por aí, sempre momentos”* (N., 43 anos).

Num pólo diferente, situa-se a tatuagem, aparentemente, ausente de significado - *“Mas se me perguntarem, ahh, qual é o significado dessa tatuagem? Apeteceu-me fazer. (M., 23 anos)*. Esta aparente ausência de significado parece associar-se aos sujeitos que têm um corpo com mais *pele coberta*. Esta lógica da tatuagem abriga-se no argumento de que a tatuagem não tem que possuir, necessariamente, um significado:

*“Cada tatuagem é uma tatuagem né? Muitas vezes significa, pura e simplesmente, que já estou há muito tempo sem me tatuar e quero tatuar qualquer coisa. E não faço qualquer coisa. Tenho que gostar, tem que me dizer alguma coisa, mas não tem que ter um significado.”* (L., 33 anos)

Esta controvérsia em torno da significação da materialização estética resulta da volatilidade inerente ao significado. Parece que, e independentemente do significado inicial da tatuagem, quando pensada no momento presente, invade a narrativa identitária para simbolizar um momento da vida, seja importante ou não: *“Foi uma personagem que eu criei! (...) Que era eu na altura, e que agora, ligeiramente tá a mudar. Portanto, é sempre uma personagem que eu posso criar a seguir. E que, daqui a uns anos, eu olho para as personagens que criei, e vejo como se fosse um diário, ou uma história daquilo que eu fui, daquilo que eu avancei”* (M., 23 anos); *“Ela conta a história da tua vida. Posso não saber em que dia fiz cada tatuagem, mas sei perfeitamente em que contexto é que as fiz. O que é que eu estava a sentir, o porquê de tatuar aquilo. É um diário! (...) Acabas por ter na tua pele todas as maluqueiras que passaste durante a vida toda!”* (L., 33 anos).

Tal como se pode confirmar na literatura (Arp, 2012) a tatuagem associa-se à narrativa da vida do indivíduo, uma vez que, e independentemente da volatilidade dos significados atribuídos, todos paracem confluir para um “manifesto social de autenticidade e singularidade” (Ferreira, 2011, p.138).

## **1.2. Tatuagem, um “mundo”, uma “forma de estar na vida”...**

*“O mundo da tatuagem”*, desta forma designado por alguns participantes, é uma expressão que surge no discurso dos mesmos com alguma frequência e da qual não se esperava a notoriedade que grangeou. Consonante com a definição atribuída ao corpo muito tatuado (como se pode constatar no ponto 2.1), à medida que os indivíduos vão colocando mais *desenhos no corpo*, maior é o seu conhecimento sobre a tatuagem, a prática da mesma, e o processo envolvido. Assim, começa a dar-se um maior e mais profundo envolvimento com o mesmo e, deste modo, um conhecimento mais alargado sobre a tatuagem, desde os diversos estilos até à forma como se processa a tatuagem, *“Misturei-me, um bocadinho, nesse mundo”* (J., 28anos). Começa a existir, na maioria dos casos, um rigor crescente na escolha do desenho, do local no corpo e do tatuador

que vai marcar a pele, *“Sou mais seletivo na escolha do desenho. Cada vez mais, faço coisas que eu realmente gosto, que acho que têm a ver comigo, e com a minha personalidade”* (E., 35 anos).

Esta fronteira com a subcultura da tatuagem torna-se mais saliente entre os participantes que são muito tatuados e que exercem a profissão de tatuador profissional. Todo este processo, que é descrito no discurso de praticamente todos os sujeitos, realça uma característica em comum, nomeadamente a entrada no *mundo da tatuagem* (J., 28 anos). Primeiramente, há uma identificação de quase um estilo de vida ou *“uma forma de estar na vida”* (J., 28 anos), que aproxima estes sujeitos e os ajuda a sentirem-se identificados num contexto próprio, com tendências próprias. Este facto parece congruente com a definição utilizada por Fernandes (1990) para as subculturas juvenis na droga, se atendermos ao facto de que *“as subculturas refletem a pluralidade dentro de uma cultura e veiculam formas alternativas de expressão cultural”* (Fernandes, 1990, p.59) - *“A modificação corporal foi um bocado ligada à música que ouvia e à maneira como me vestia. Já fazia parte de toda uma cultura.”* (D., 28 anos).

Encontra-se uma diferença entre o discurso dos participantes apenas tatuados e dos participantes que são, simultaneamente, tatuados e tatuadores de profissão. Estes últimos enveredam por análises mais profundas sobre este processo de *“despenalização”* – assim designado por uma participante – uma vez que acabam por conhecer a história da tatuagem e os contextos de surgimento da mesma na sociedade moderna ocidental, estando, assim, mais conscientes das atribuições morais a que a tatuagem esteve associada. Por outro lado, constituem um grupo que, melhor do que ninguém, conhece a realidade diária da tatuagem, desde os clientes e as suas motivações, as tendências, as suas potencialidades e consequências. Por se encontrar intimamente ligado à banalização da tatuagem, o preconceito, embora não constituísse o âmbito da investigação, sobressaiu no discurso de praticamente todos os participantes, apesar de diferentemente sentido em termos de género, como se verá mais à frente, mas unânime em relação ao mundo laboral e aos cuidados percebidos que se devem ter com a porção visível de corpo tatuado, neste contexto.

## **2. O corpo**



## 2.1. O corpo muito tatuado ou com muitas tatuagens

No processo de idealização de um corpo preenchido de desenhos, o corpo muito tatuado vai sendo definido em termos de gradiente de “pele coberta” para “pele limpa”, a visibilidade da tatuagem e a narrativa construída. No entanto, para os participantes existem mais leituras possíveis, pois este é um processo extremamente complexo, dada a relatividade do conceito de extensão e de tempo.

Um destes aspetos prende-se com a extensão de pele tatuada, uma vez que todos os indivíduos expressam a porção de pele “coberta”, por um lado, e/ou “limpa”, por outro. O que não deixa de ser uma forma oposta de olhar para a extensão de pele - *“Da maneira que já estou não me considero muito tatuada. Eu olho para mim, já não vejo as tatuagens, mas até já vejo a pele limpa que tenho. Então sou capaz de ver um bocadinho ao contrário. É que eu ainda tenho muito, muita pela para tatuar.”* (D., 28 anos)

A questão da dimensão das “peças”, ou seja, a questão sobre quais os critérios para se considerar uma tatuagem grande ou pequena, é um tema polémico entre os participantes. Por ser de uma concetualização bastante complexa, uma pessoa com um corpo muito tatuado, geralmente, não consegue contabilizar o número de tatuagens, por não saber distinguir o início e/ou fim das mesmas, nem tal lhe parece fazer sentido - *“Nenhum amigo meu que esteja tatuado tem um número. Não há o ter muitas ou poucas. O pessoal que tem... muitas tatuagens, depois deixa de ter um número para elas.”* (J., 28 anos)

Muitos dos participantes colocavam como ponto central, em pessoas muito tatuadas, a visibilidade das tatuagens. Os mesmos assumem que as pessoas que têm muitas nas zonas mais visíveis do corpo – mãos, rosto e pescoço – são pessoas com muita extensão de “pele coberta”. Como tal, talvez este pudesse constituir um critério para se poder assumir uma pessoa muito tatuada. Contudo, este critério pode ser enganador na medida em que pode haver pessoas que tatuem as zonas visíveis e não tatuem o resto do corpo, como referem alguns dos participantes.

Por fim, para alguns participantes faz sentido pensar no corpo muito tatuado, em termos de tempo de tatuagem que têm no corpo - em horas. E aqui coloca-se a questão, é uma pessoa que passou menos tempo a tatuar mas tem mais área tatuada, uma pessoa mais tatuada? É uma pessoa mais pequena com o mesmo número de tatuagens mais tatuada, pela ilusão de maior extensão coberta?

“Eu gosto de analisar as tatuagens um bocado pelo tempo que demora a tatuar. (...) Dá mais ou menos para gerir o tamanho da tatuagem” (M. 23 anos).

Esta perspetiva relativiza a extensão da tatuagem pois uma tatuagem de grande dimensão pode demorar menos tempo a tatuar do que uma tatuagem mais pequena - “Podes fazer um tatuagem das costas inteiras, mas se fizeres só linhas, e muitos espaços brancos, essa tatuagem vai ser sempre grande. Se for a ver, não é assim tão grande quanto isso.” (M., 23 anos).

Assim sendo, o “*corpo extensamente tatuado*” foi o desígnio inicialmente atribuído ao objeto de estudo. Contudo, aparentou ser uma nomeação desprovida de sentido émico e, portanto, abandonada aquando das entrevistas. Houve uma resistência por parte de todos os participantes relativamente a este conceito. Por um lado, por lhes parecer impor um limite concreto, ou seja, uma barreira física - “quanto é ser muito tatuado?”. Por outro, por ser abstrato concetualmente, ou seja, por não fazer sentido pensar na extensão ou na quantidade, para o que é ter muitas tatuagens. A designação do objeto alterou-se, então, para as pessoas com corpo muito tatuado, no entanto, é recorrente a utilização de expressões como “o corpo cheio de tatuagens” ou “o corpo com muitas tatuagens”. Esta é uma apropriação da investigadora à linguagem dos participantes como via de aproximação aos seus contextos e vivências.

Tendo todos estes fatores em conta, e de forma análoga à realizada por Nowlis (1975) relativa aos consumos de drogas, efetuou-se a definição do objeto de estudo. Longe de ser uma concetualização objetiva e simples, como explica a autora e como referido no parágrafo anterior, a mesma dividiu em quatro níveis, de intensidade crescente, os diferentes tipos de consumo: desde o nível 1) um consumo de experimentação ou teste, passando pelo nível 2) um consumo ocasional; ao nível 3) um consumo habitual e, findando num consumo intensivo ou compulsivo - nível 4.

Assim, tendo em conta a extensão de *pele coberta* até à extensão de *pele limpa*, atendendo à visibilidade da marcação corporal e à narrativa associada aos desenhos, estabeleceram-se quatro níveis de intensidade crescente para o corpo muito tatuado. Pode parecer um processo inverso por se pensar primeiro na extensão de *pele coberta* e depois na extensão de *pele limpa*. No entanto, o que é praticamente certo é que os sujeitos com o *corpo cheio de tatuagens* olham e explicam o que para eles é ter muitas tatuagens desta forma. O sentido encontra-se na ideia de que quanto menos tatuagens um sujeito tem, mais porção de pele coberta vê e, quanto mais tatuagens, mais porção de

pele limpa vê, por ser a porção que falta cobrir. Neste sentido, quando se utiliza a expressão “ver”, significa, na verdade, o foco de atenção dos indivíduos.

*Porção de pele coberta não visível* é a designação relativa ao primeiro nível. Neste nível incluem-se os participantes que analisam o seu corpo relativamente à porção de pele desenhada e que pode ficar coberta, por poder ser tapada com o vestuário. Geralmente, é neste nível que os sujeitos conseguem afirmar um número específico de desenhos na pele que, por ser um estágio prematuro, ainda não adquiriram um sentido no corpo do sujeito. Contudo, não existe, ainda, uma narrativa associada aos desenhos no corpo, pois estes parecem ser elementos dissociados uns dos outros no corpo da pessoa.

*Porção de pele coberta e visível* é a denominação atribuída ao segundo nível. Aqui estão compreendidas as pessoas que exprimem o seu corpo no que respeita à porção de pele marcada que está sempre visível, ou que mais dificilmente fica tapada. Tal como no nível anterior, os sujeitos conseguem contar o número de tatuagens que têm no seu corpo, embora a visibilidade das mesmas tenha um maior impacto social e na pessoa. A probabilidade de existir uma maior porção de pele coberta vê-se aumentada e as tatuagens, de modo geral e tal como no nível um, ainda não adquiriram um sentido totalitário, isto é, uma narrativa do indivíduo.

*Porção de pele limpa visível* é a nomeação correspondente ao terceiro nível. Neste nível inserem-se os indivíduos que manifestam o seu parecer em relação à porção de pele limpa, ou seja, que ainda têm disponível para marcar. Normalmente, não conseguem, nem lhes parece fazer sentido, enumerar as tatuagens de que são portadores. É a partir deste nível que os desenhos começam a fazer sentido uns nos outros e a formar um desenho único. Ainda assim, os participantes aqui incluídos conseguem tapar as tatuagens, ou grande parte delas, com o vestuário, se assim quiserem.

*Porção de pele limpa ausente* é a expressão relativa ao quarto e último nível. Neste estágio, os indivíduos para além de olharem para a porção do seu corpo que ainda falta tatuar, já têm tantos desenhos na pele que as partes que estão sempre visíveis – cara, mãos e pescoço – estão tatuados. Tal como no nível anterior, os indivíduos não têm um número de tatuagens contado, pois há a lógica do desenho único na pele – uma narrativa construída através da marcação corporal. Neste nível estão inseridos, também, os indivíduos que por não terem mais porção de pele limpa para tatuar, tatuam por cima da pele coberta.

## 2.2 O corpo, um paradoxo

Numa primeira abordagem, os participantes parecem não distinguir um corpo muito tatuado de um corpo comum, sem tatuagens. Não obstante, quando se começa a falar do corpo com muitas tatuagens surge expressa a dicotomia do normal e do desviante. Aqui, o corpo com muitas tatuagens vai sendo expresso como um corpo normal, apesar do objetivo e do significado atribuído poderem sair da esfera do que é considerado natural, ou o “corpo do quotidiano”. Este último é descrito pela maioria dos participantes como o corpo sem deficiências físicas, ou aquele corpo capaz de desempenhar as tarefas exigidas no dia-a-dia. Esta visão é consonante com a definição de “corpo anatomofisiológico” descrita por Ribeiro (1996).

Esta ideia paradoxal realça-se, uma vez que o corpo muito tatuado é considerado normal e, simultaneamente, um corpo diferente, porque marcado intencionalmente: *“Eu sempre gostei dessas coisas mais diferentes. (...) Coisas que ninguém está fazendo”* (S., 28 anos); *“Eu uso isto ... eu sou ... sou diferente, acabo por não ser igual, não é? Ao resto das pessoas ... normais.”* (D., 28 anos).

O conflito que resulta deste paradoxo é resolvido através de um processo de habituação. O corpo inicialmente modificado, com o passar do tempo, passa a ser o corpo normal - *“É que isso, também, já muita gente te deve ter dito, não é? Depois de teres tatuagens ... deixas de as ver, claro. Tipo, faz parte do teu corpo, sei lá! É a mesma coisa que pessoas que têm a cara tatuada, como eu tenho o meu companheiro, que trabalha comigo. Ele vê-se ao espelho, não vê a tatuagem. É impossível ... quase, também, como tens os óculos ...”* (J., 28 anos).

Portanto, não surpreende que os participantes se refiram ao seu corpo tatuado descrevendo-o nesta dualidade entre corpo normal e corpo diferente. O corpo é diferente, porque tatuado, e normal, porque igual a qualquer outro corpo - *“Não é que seja anormal com tatuagens. Sou uma pessoa, perfeitamente, não tatuada.”* (L., 33 anos). Exemplo claro, este, na medida em que a participante assume que, quando está com as tatuagens todas tapadas, é uma pessoa normal. Por outro lado, não pensa que ter a pele desenhada seja uma característica criadora de estigma (Goffman, 1990). Finalmente, esta participante expressa uma ideia interessante, porque não mencionada por mais nenhum. A mesma sentiu a necessidade de clarificar que o seu corpo não é um

corpo profanado pela marcação corporal inscrita nele - *“Eu não estrago o meu corpo por ter tatuagens. Quanto muito, posso modificá-lo.”* (L., 33 anos).

### **2.3. O corpo, uma tela, veículo artístico, um processo autobiográfico**

O corpo muito tatuado não é considerado profanado, mas um corpo artístico, obra de arte, estético, que constitui um meio e/ou um fim artístico - *“É como se o meu corpo fosse uma tela.”* (M., 23 anos). O discurso dos sujeitos reúne-se em volta da arte no corpo, pois é desta forma que percebem e significam o seu próprio corpo, *“Agora falando um bocado mais parolo como muitos te devem ter dito, é um bocado a minha tela o meu corpo blá blá blá ... Isso tem uma percentagem de verdade.”* (J., 28 anos).

Numa perspetiva distinta e associada à anterior, o corpo é descrito como um registo autobiográfico do indivíduo, na medida em que tem marcas associadas a momentos, épocas e/ou pessoas que caracterizam uma fase da vida do participante. Quando o mesmo pensa ou olha o corpo de forma introspetiva e retrospectiva, o corpo expresso prende-se com as significações supramencionadas, por se constituir como o culminar da significação.

Por fim, o corpo tatuado é considerado pela maioria dos participantes como um processo. A ideia de que o corpo é passível de mudança é fulcral, pois vai sendo um acompanhante das mudanças desenvolvimentais dos sujeitos, muitas vezes, sob a forma de seu tradutor imagético - *“O teu corpo é sempre, na mesma, um projeto. Porque é um projeto que vais alterando conforme aquilo que vais sentindo.”* (M., 23 anos). Esta visão converge com o que Ribeiro (2006) designa de projeto de marcação corporal. Dentro deste panorama, alguns dos participantes realçam a ideia de um corpo idealizado, um corpo coberto de desenhos, *“Eu sempre tive o sonho ou ideia, que gostava de ter o corpo todo tatuado, exceto mãos, pescoço e cara”* (E., 35 anos), que vão acabar por fazer um sentido.

## **3. As Motivações**

O gosto pela tatuagem revelou-se transversal ao longo do tempo enquanto motivação para ter as tatuagens no corpo – quer no começo, quer no decorrer do processo. Tornou-se claro um padrão de resposta muito semelhante em todos os

participantes, quando se efetuava a pergunta sobre como era ser uma pessoa com o corpo muito tatuado: *“Não tem motivo. É o que é! Gostas do que gostas. (...) É quase uma coisa que tu não escolhes. (...) Acontece-te, é isso!”* (L., 33 anos); *“A força que me propulsionou foi mesmo o facto de eu gostar de arte, de tatuagem. (...) O maior incentivo ... foi ... o gostar de ver, o gostar da tatuagem, o gostar da arte da tatuagem, gostar de poder mudar o meu corpo ... sei lá! Todas as formas que eu possa ... poder escrever no meu corpo, poder desenhar (...) poder deixar alguém desenhar no meu corpo sempre me fascinou.”* (M., 23 anos).

A afirmação acima referida é representativa da riqueza de motivações que levam um sujeito a tatuar o seu corpo, começando pela primeira e principal, porque consta como resposta unânime, que é o *gosto pela tatuagem*. Neste momento da entrevista, a demora na resposta, até ao diálogo surgir, era superior a todos os outros períodos de latência. Depois deste período, surgiam respostas difusas, isto é, respostas em relação às quais os sujeitos não sabiam explicar o porquê de assim serem e de gostarem da tatuagem - *“A razão de ter essas ideias já não me lembro, mas ... comecei. Na altura queria isso e ainda continuo a querer. (...) Não dá para explicar de melhor maneira. (...) A razão, para mim, era que eu sempre gostei de tatuagem. (...) É um gosto! (...) Acho que não é nada que se consiga explicar a razão disso. Tu sentes, acho que é uma coisa normal.”* (T., 25 anos)

Não obstante ao gosto pela tatuagem, a motivação para começar a tatuar, embora tenha aspetos em comum com a motivação para continuar a tatuar, é peculiar pelo padrão de respostas encontradas. Salienta-se o facto de todos os entrevistados referirem a fase da rebeldia e uma atitude menos consciente na génese da primeira tatuagem. Parece em conformidade com o conflito na fase final da adolescência, em que o desenlace é precisamente a formação da identidade (Erikson, 1976), pois aparentemente “a coincidência das primeira tatuagens com a entrada na adolescência é um dado frequente” (Ferreira, 2015, p. 139). Este dado é congruente com a idade em que grande parte dos entrevistados começa a tatuar e que ronda os dezoito anos.

Desta forma, a *“rebeldia e irreverência”* (E., 35 anos), atitudes típicas do período da adolescência, aparecem mencionadas no discurso dos participantes como motivos para o primeiro contacto com a tatuagem - *“Acho que surge na vida de toda a gente – a tatuagem – que é naquela fase de rebeldia e (...) de ser mais novo e achar que somos invencíveis. (...) Isso junto com ... aquela excitação da juventude ... do final da*

*adolescência e independência e tudo mais, pronto, acabou por dar na primeira tatuagem” (E., 35 anos).*

Numa ótica distinta, o despontar de uma *“ideia genial”* de desenho que predispõe os indivíduos a marcar o corpo, é comum a praticamente todos os sujeitos. Alguns referem-se a isto como o aparecimento de um desenho que faz sentido colocar naquele momento ou naquele local específico - *“É ela aparecer, simplesmente. Não, não dá para explicar. Ela aparece e tu sabes que é a coisa certa. Eu às vezes vejo este espaço aqui, e tá-me a meter impressão. Sei que mais tarde ou mais cedo o vou preencher. Tou tão seguro que vou preenchê-lo ... que vai aparecer uma coisa no mundo, e todos os dias lido com isto, vai aparecer, um dia vai aparecer e vai, até encaixar uma fixe aqui. Pegámos e: “ó, faz aí. Risca. Siga! Encaixa, é isso, percebes? No meu caso!” (J. 28 anos).*

Por outro lado, a maioria dos participantes refere o *“vício”* como um motivo para tatuar, muitas vezes camuflado através da ideia de que já não tatuam há muito tempo: *“Eu tive aí uma altura que fazia tatuagens tipo ... quinze em quinze dias ... ou todos os meses. Pelo menos todos os meses fazia qualquer coisa” (E., 35 anos); “Cada tatuagem é uma tatuagem né? Muitas vezes significa, pura e simplesmente, que já estou há muito tempo sem me tatuar e quero tatuar qualquer coisa.” (L., 33 anos).*

Não se pretende, contudo, concetualizar este *vício* como um comportamento aditivo, uma vez que os participantes não o consideram como tal e, de facto, não expressam um comportamento compulsivo de marcar o corpo, *“É tipo, vais-te tatuando. (...) Não tenho pressa demais para fazer as coisas. Temos a vida toda pela frente. Não falta tempo para tatuar! E pele...” (J., 28 anos).* Contudo, alguns deles – os que são tatuadores profissionais - expressam a existência de clientes que tatuam compulsivamente, assimilando este tipo de comportamento a um comportamento aditivo<sup>14</sup>. Neste sentido, serão úteis investigações futuras no contexto português.

Conclui-se, deste modo, que os indivíduos apresentam motivos diferentes desde a primeira materialização estética até ao ato de continuar a marcar o corpo. O gosto é a resposta transversal entre as motivações dos participantes, pois repete-se com o passar

---

<sup>14</sup> De facto, todos os participantes que fazem da tatuagem profissão referem que lhes aparecem pessoas que vão tatuar compulsivamente. Neste caso, deixa-se em nota, a pertinência de futuras investigações neste tipo de comportamento aditivo – não apenas para o aprofundamento dos seus modos de consumo – mas também para uma intervenção clínica mais adequada, visto ser um tipo de comportamento muito peculiar.

do tempo e por ser sempre das primeiras respostas e das mais espontâneas a surgirem no discurso dos sujeitos. No entanto, e talvez o resultado mais interessante, é que existem tantos motivos para um indivíduo se começar a tatuar quantos indivíduos foram entrevistados.

### 3.1. Os contextos...

Os contextos compõem uma dimensão importante na predisposição para a materialização estética, por influenciarem de forma determinante o ato de marcação corporal. Os contextos proximais e distais dos sujeitos impelem-nos ou propulsionam-nos, e são, por isso, considerados fatores extrínsecos aos mesmos, mas com repercussões diretas neles.

Existe um padrão, em relação aos contextos, que predispõe as pessoas a tatuar. Um contexto familiar apoiante é facilitador – *“Lembro-me que o meu primeiro contacto que tive com tatuagens, desde sempre, foi o meu pai”* (D., 28 anos). Também o ter amigos com tatuagens, ou dentro do “mundo da tatuagem”, impulsiona os participantes, mais rapidamente, a tatuar o corpo. As pessoas que trabalham em contextos artísticos têm geralmente mais contactos com tatuadores profissionais, o que facilita e/ou predispõe a marcação corporal. O facto de um sujeito saber desenhar também parece associar-se a um contexto claramente facilitador, *“(…) ganhava um dinheiro a fazer desenhos para tatuagens. (...) Porque eu já estava a desenhar para outras pessoas, desenhei p`ra mim também”* (J., 28 anos)

Por outro lado, existem contextos que parecem inibir a materialização estética e, neste domínio, surge a família, também, como contexto proximal que pode ser limitador, nomeadamente, quando os sujeitos consideram que as ideias das pessoas que constituem as suas famílias são retrógradas, *“Até então tinha uma barreira em casa (...) com o meu pai.”* S., 28 anos).

Neste seguimento, a sociedade é pensada, por alguns participantes, como um contexto inibidor, ainda nos dias de hoje, apesar do processo de “normalização” expresso pelos sujeitos. O contexto laboral e alguns outros contextos específicos, como os locais mais pequenos e mais ruralizados são tidos, igualmente, como contextos que dificultam a marcação corporal, uma vez que, e na ideia dos participantes, ainda há uma



conotação negativa (de que se falará mais à frente) em relação à tatuagem e, portanto, ao indivíduo portador da mesma – a descredibilização do indivíduo (Goffman, 1990).

Os indivíduos, na sua grande maioria, percebem o trabalho como um contexto desencorajador à materialização estética, apesar da banalização sentida, principalmente quando a profissão do participante não está relacionada com a arte da tatuagem. Parece decorrer, na experiência atual dos sujeitos, uma inferência de desempenho ainda baseada na pele, por associação a juízos morais de quem é tatuado (Arp, 2012), facto que coincide com a realidade vivida pelos participantes, pelo que, será importante a realização de estudos nesta área em Portugal. Esta ideia de que o desempenho pode ser inferido através da pele do indivíduo, manifestada por alguns participantes, encontra-se corroborada na literatura. Um exemplo representativo desta realidade é dado por Roberts (2012), que conclui que as séries televisivas ainda associam a tatuagem ao crime e a pessoas com uma imagem pouco profissional. Esta experiência é congruente com o facto da tatuagem, ainda hoje, se encontrar numa espécie de limbo cultural, apesar de ser cada vez mais mainstream. Aparentemente, as pessoas que têm tatuagens mais visíveis, mais dificilmente são contratadas (Folkz, 2014).

#### **4. Reação Social Percebida**

A visão geral de que os outros olham para o indivíduo muito tatuado de uma forma diferente é quase unânime. Mas, o que é isto de ser diferente? De uma forma interessante, a maioria dos participantes diz estar consciente de “olhares de lado” - *“Sei que é assim. Sei a forma como as pessoas olham, quando são más pessoas”* (J., 28 anos) - quando em alguns contextos sociais – rua, praia, grandes centros comerciais -, e por uma parte da sociedade mais envelhecida, *“Ainda há muito a reação de ... discriminação, ainda existe, de olhar de lado d`algumas pessoas mais velhas, nem todas, mas algumas mais velhas, algumas novas também, mas aí já não tanto. Principalmente pessoas mais velhas”* (E., 35 anos).

Contudo, nem sempre se referem a comportamentos e/ou atitudes desta natureza como preconceito, mas como desconfiança, desconhecimento, curiosidade, e até admiração, *“Na praia ficam completamente a olhar. Muitas vezes nem é com um ar de reprovação! É mesmo pela curiosidade, tipo freak show, tás a ver uma coisa diferente de ti”* (L., 33 anos). Quando o entendem desta forma, o estigma parece não ter

importância para os indivíduos, *“Não é uma coisa má, porque não me influencia nada na vida, simplesmente”*. (M., 23 anos). Curiosamente, vários participantes expressam uma posição dicotômica percebida dos outros em relação a si. Esta ideia de que os outros têm uma opinião extremada em relação ao corpo muito tatuado é partilhada por alguns dos participantes. *“Não há ali um meio de – não quero saber. (...) Ou adoram ou odeiam.”* (D., 28 anos)

No que respeita ao próprio participante, o processo de habituação dos indivíduos ao seu corpo tatuado parece estar acompanhado de um fenómeno idêntico em relação aos familiares, assim percebido pelos participantes, *“A minha mãe não gosta. (...) Começava a mandar vir comigo. (...) Mas agora ela fala um bocadinho, mas depois já não, não... habituou-se.”* (T., 25 anos). Devido a tal, há um receio em relação à reação inicial dos familiares, aquando da primeira tatuagem. Por um lado, porque percecionam uma reação negativa dos mesmos e, por outro, porque percecionam que a própria família fique apreensiva em relação à reação das outras pessoas relativamente ao seu familiar tatuado - *“Ele não gostava não era pela questão estética (...) em si. É pela sociedade. (...) Acho que o meu pai (...) tinha uma preocupação nesse sentido.”* (S., 28 anos).

Mas, o que são estas reações negativas? Parece continuar a existir alguma associação, pelo menos percebida, da tatuagem a condutas criminais, fenómenos de delinquência, a associação ao uso de álcool, drogas e ao “mundo da noite” - *“As pessoas que me vêem na rua pensam, é uma maluca. Provavelmente, ahh ... pensam que eu ... consumo drogas ... ou ... outra coisa qualquer”* (L., 33 anos). Ainda se associa, no parecer de alguns participantes, esta ideia implícita no contexto do aparecimento da tatuagem em Portugal, associada à heroína e às pessoas muito tatuadas que a utilizavam - *“E ter tatuagens também ainda é muito associado a, a uma altura dos anos 70/80, cá em Portugal. (...) Que quem tinha tatuagens eram pessoas mais, eram jovens mais rebeldes e ... e drogados, também veio com o aparecimento da heroína!”* (L., 28 anos).

Não obstante, os participantes referem-se à sociedade como uma dimensão fundamental no que concerne aos acontecimentos pessoais no quotidiano e na evolução das mentalidades contemporâneas. Parece assumir um papel importante, também, na evolução das componentes morais e educacionais associadas a si como pessoas muito tatuadas, ou seja, a sociedade consta como elemento fundamental para o indivíduo se pensar a si como objeto (Mead, 1934).

A maioria dos participantes percebe uma espécie de despenalização com duplo sentido. O primeiro prende-se com a banalização percebida da tatuagem e, assim, das pessoas com tatuagens. O segundo, que pode ou não ser consequente do primeiro, surge associado a uma despenalização moral das pessoas muito tatuadas, *“Despenalização, entre aspas, moral. Ahh, sinceramente, há fatores que fazem isso mudar”* (L., 33 anos). Este último dado é expresso como resultado da educação das gerações, que tende a aceitar cada vez mais a tatuagem e, conseqüentemente, as pessoas com tatuagens - *“Também vai um bocado de nós. (...) O meu filho tem agora quatro anos... o pai dele tem tatuagens... eu tou cheia de tatuagens. O meu namorado tá cheio de tatuagens. (...) Ele não conhece outra realidade. P`ra ele as pessoas normais têm e não têm tatuagens.”* (L., 33 anos).

Numa outra perspectiva, a tatuagem como objeto, independentemente das pessoas possuidoras das mesmas, também tem associada uma reação social percebida, especificamente, um processo de normalização da mesma, através da sua disseminação, quer nos indivíduos, quer nos vários estratos sociais, *“Acho que isso, cada vez mais, também, tá... tá-se a dissipar”* (T., 25 anos). O processo, entendido desta forma, conduz alguns dos sujeitos na direção da especulação, mais especificamente sobre o que é normal na atualidade. Este facto deve-se à crescente popularidade da tatuagem e das pessoas que aderem a esta tendência, assim designada por alguns participantes, *“A tatuagem meio que virou moda. (...) Todo o mundo tem tatuagem. (...) Se você quiser ser diferente, até é bom não ter nenhuma tatuagem.”* (S., 28 anos).

É igualmente percebido, principalmente pelos participantes que são tatuadores profissionais, um processo na arte da tatuagem semelhante ao que se passou pela arte no geral, ou seja, eles conseguem inscrever, no presente, toda uma historicidade artística agora aplicada na tatuagem - *“Tens toda uma história da, da tatuagem. (...) E agora, a arte está a ser muito desconstruída. (...) Está-se a desconstruir a tatuagem para blocos de cor, mesmo para o abstrato, para o surrealismo. Exatamente o mesmo processo que a arte acabou por passar, está agora a passar um bocadinho nas tatuagens. Acaba por ser mais... uma arte!”* (D., 28 anos).

Numa ótica diferente, a capacidade de expectar, de criar categorias para uma leitura lógica do que rodeia o indivíduo e, acima de tudo, pensar sobre estes processos, é uma qualidade inerentemente humana, na qual todos os sujeitos se veem implicados. Neste sentido, os participantes manifestam as suas ideias sobre os outros mais parecidos

com eles, isto é, sobre os outros tatuados. Curiosamente, não parece existir uma identificação com outros indivíduos muito tatuados, mas antes com o tipo de tatuagens de que uma pessoa é possuidora – *“Tipo, pode tar aqui um rapaz com tatuagens, na mesa, eu ter muito mais a ver contigo do que com esse rapaz que tá todo tatuado, não termos nada a ver um com o outro. Simplesmente ele tem a cena dele. Tudo com o ser parolo, eu com a minha cena que é demasiado alternativa, no entanto, ele tem tantas tatuagens quanto eu. A tatuagem já não define assim tanto ... agora já estamos dentro do estilo da tatuagem, o que é que está riscado na pele é que já define mais um bocado a personalidade.”* (J., 28 anos).

Os participantes que são tatuadores profissionais parecem ter mais preconceitos em relação aos outros tatuados mas, de forma interessante, estão conscientes de que são representações que podem não corresponder à verdade da pessoa – *“Eu olho para uma pessoa, se bem que não deixa de ser um preconceito, não é? (...) Logicamente como tatuadora e profissional nisto, consigo olhar para uma pessoa, ver... duas ou três tatuagens (...) e sei dizer se ela é... virada para o punk, mais p`ás coisas fofinhas (...) se é uma pessoa que tatua, pura e simplesmente, porque é moda tatuar”* (L., 35anos). Estes sujeitos têm uma ideia muito própria sobre o que é que leva as pessoas a tatuar o corpo e conseguem, através dos desenhos que estão na pele, inferir características da personalidade ou algumas das motivações para a materialização estética – *“Diz-me o que tens tatuado que eu dir-te-ia quem és”* (L., 35 anos). Não obstante, é unânime a opinião dos mesmos sobre a boa qualidade do desenho e da tatuagem, sendo um fator de admissão ou impedimento para, por exemplo, empregar um tatuador ou mesmo efetuarem uma tatuagem a um cliente.

Ainda neste domínio, surgem as críticas relativas a outros tatuadores, ou porque não têm um estilo definido – *“Existe uma grande percentagem de tatuadores que não tem absolutamente estilo nenhum”* (...) *Fazem cópias de livros e, se calhar, até são maus a desenhar”* (J., 28 anos) - ou porque têm uma ética de trabalho diferente, no que respeita à comercialização do serviço, ao tipo de cliente e mesmo ao local da tatuagem – *“Vês muitas pessoas, mais velha guarda, no mundo da tatuagem, que até se recusam a tatuar pessoas nas mãos se não forem já muito tatuadas, porque dizem que vai contra o que a tatuagem deveria ser.”* (D., 28 anos)

A sociedade também não fica alheia a um escrutínio por parte dos sujeitos muito tatuados. Por um lado, a maioria dos participantes defende a importância de um papel

ativo na (re)educação e na desconstrução de alguns estereótipos que acreditam que ainda existem relativamente à tatuagem e às pessoas que as têm no corpo. Por outro, admitem ser responsáveis por um discurso internalizado imbuído de (pré)juízos sobre as possíveis atitudes dos outros em relação a si, *“Eu própria e na nossa sociedade tenho a consciência que ... existe ... eu olho, eu própria olho. Ahhh, quem é aquela pessoa, será tatuador? Não? Normalmente são os tatuadores que têm tatuagens na cara ...”* (K., 23 anos)

Um discurso semelhante se afigura quando os sujeitos têm que se apresentar nas instituições formais, como os bancos, escolas, entre outros. Neste último, o receio é que recaiam, sobre si, os preconceitos percebidos em relação às pessoas com tatuagens e, desta forma, haja um julgamento do seu caráter moral – *“O que é que a tatuagem tem a ver com o teu trabalho? O que é que a tua tatuagem tem a ver com o teu desempenho profissional? Com a tua integridade? A tua parte moral? A tua parte humana? O que é que isso tem a ver? Se tu fizeres uma tatuagem e fores médico e esconderes debaixo da bata, ninguém vai olhar p`ra ti! E tens lá a tatuagem.”* (L., 33 anos).

Pretendeu-se já uma definição da tatuagem, contudo torna-se útil enfatizar a dimensão social que os indivíduos percebem e atribuem à mesma. É crucial o caráter de normalidade que a materialização estética adquire para estes sujeitos, sendo que o é tanto mais, quanto mais por dentro do *“mundo da tatuagem”* estão inseridos, *“É uma coisa normal, é arte!”* (M., 23 anos). Quer isto dizer que a tatuagem, percecionada pela maioria dos participantes, é simultaneamente um elemento social associativo e dissociativo.

Esta ideia aparentemente paradoxal, na verdade, tem uma explicação lógica. Por um lado, a tatuagem parece dissociar os participantes da maioria da população resultante das modificações corporais a que se quiseram e continuam a querer sujeitar por todas as razões expressas. Não obstante, dissocia os sujeitos uns em relação aos outros pelos diferentes estilos de tatuagens que têm desenhados no corpo. Por outro lado, este tipo de marcação corporal aglutina estes indivíduos muito tatuados numa espécie de categoria própria em que a normalidade da mesma se vê assegurada, podendo estar presente a existência de uma subcultura característica.

Nas representações sociais percebidas pelos sujeitos, a barreira definida entre os outros e a sociedade no geral é utópica, por ser extremamente difícil ou mesmo impossível a definição da mesma. O mesmo acontece no discernimento entre a reação

percebida em relação a si, enquanto pessoas, e à tatuagem. Tal deve resultar da narrativa identitária, aferida do discurso dos participantes, se encontrar incorporada num todo destas dimensões.

## **5. Identidade – A percepção de mim e do meu *self***

Existe um discurso relativamente à percepção que o sujeito tem de si próprio em coerência com o processo de continuidades e descontinuidades embutidas no desenvolvimento da identidade - *“Alterar o teu corpo é sempre... uma decisão muito complicada. (...) É quase um ritual de passagem ou... um ritual de marcar um momento, p`ra marcar um momento na tua vida.”* (E., 35 anos)

Embora convirjam para a lógica de identidade e individualidade, o corpo tatuado e a tatuagem apresentam resultados paradoxais. Parece, pois, existir um fosso entre a significação e/ou sentido quando o indivíduo faz a tatuagem e quando pensa sobre a mesma mais tarde – *“Não tenho nenhuma tatuagem que tenha sido feita por alguém em específico, por um momento específico, uma ocasião p`ra marcar... uma coisa especial, não. Mas todas elas, d`alguma forma, trazem alguma recordação especial, d`algum momento, d`alguma coisa que aconteceu, da... se calhar da cultura em que estava, precisava de... dessa descarga”* (E., 35 anos)

Por mais lógicas que existam para se fazer uma tatuagem, quando aos sujeitos é perguntado como é ver o seu corpo todo tatuado, este corpo desenhado faz sentido como um todo, por evidenciar de forma visível a vida de cada sujeito. Aparentemente, o corpo transporta-se para o meu eu, para formar uma coerência autobiográfica (Ferreira, 2011). Parece formar-se uma consciência global do indivíduo em que, através do corpo tatuado, se manifesta uma memória autobiográfica, coerente à percepção do eu e visível para os outros, mas apenas conhecida pelo próprio e, por isso, idiossincrática – *“Eu adoro arte e então p`ra mim é uma coisa tão bonita, então preencher o corpo todo de imagens que eu gosto! Ou que façam sentido p`ra ti, percebes? Veres-te nua e... e conseguires identificar um período da tua vida, ou olhares para a parte de cima do joelho porque tá ali representado. Ou, ou nem que seja onde estavas ou o que estavas a fazer, percebes?”* (D., 28 anos). Não obstante, a tatuagem converge, no discurso dos indivíduos, para a sua personalidade. Este fenómeno assume duas vertentes, uma

associada ao desenho ou estilo da tatuagem e a sua coerência com a personalidade e outra, com os locais e a visibilidade dos desenhos na pele.

O *self*, pela sua definição e por se diferenciar do corpo (Mead, 1934, p.136), surge aquando da pergunta sobre como é que os outros veem, pela sua dimensão social e pela forma sobre como os participantes se deixam mostrar. É interessante que a maioria dos participantes exhibe um *self* virtual (Goffman, 1990) quando em contextos novos ou desconhecidos, em função dos mesmos e das pessoas que os rodeiam. Este comportamento consiste em, tão simplesmente, tapar as tatuagens para que os outros não as consigam ver e, desta forma, não infiram ideias erradas acerca deles. Quer isto dizer que quando os sujeitos se pensam como objeto optam por revelar um *self* deliberado, especificamente aquele que pensam que melhor se ajusta ao contexto e aos outros, como qualquer outra pessoa, com tatuagens ou não.

Esta visão converge com o facto de, como pessoa tatuada, o indivíduo ser testemunha, participante e portador de um processo único de produção, um processo no qual o produtor e o consumidor se unem numa troca complexa, simultaneamente ritualística, económica/consumista e individualista (Kosut, 2006, p. 1041). Portanto, este aparente jogo entre o *self* virtual e o *self* real pode encontrar-se intimamente ligado à relação entre a realização da tatuagem como uma forma racional de expressão da identidade e ao gesto conservativo de conformidade às normas sociais que são *self*-restringentes (*idem*). Certamente é uma visão que se apoia no *self* social como estrutura importante e diferenciadora de quem tem uma ou duas tatuagens e de quem tem tatuagens em zonas visíveis – cara, pescoço e mãos (Roberts, 2012).

As gerações mais velhas têm menos tatuagens e atribuem às mesmas o significado tradicional, no seu contexto de aparecimento, conotações negativas de desviância (Roberts, 2012). Os clientes jovens estão bem conscientes que o estatuto das tatuagens não se alterou para os americanos mais velhos. Apesar de tudo, eles tornaram-se parte da transformação social que vê agora a tatuagem como convencional, e indivíduos respeitáveis (*idem*). Este facto converge para as experiências vivenciadas pelos participantes da presente dissertação, na realidade por eles vivida e sentida da mesma forma, em relação às gerações mais velhas.

Ficou esclarecido que, e fazendo um paralelismo com o que acontece com a motivação, as significações atribuídas às tatuagens alteraram-se ao longo do tempo. O sentido parece ser idiossincrático (Ferreira, 2011), havendo tantas lógicas quantos

indivíduos foram entrevistados. A tatuagem pode constituir-se como uma experiência de descontinuidade ou de expressão destas, mas, com o passar do tempo, é integrado num processo contínuo identitário que define a pessoa. De forma interessante e peculiar, chegou-se a um padrão de respostas conducente a um sentido de unicidade dos desenhos colocados na pele. Por um lado, por fazerem sentido uns com os outros e, por outro, por conferirem um sentido contínuo de unicidade com o “eu” de cada participante, com as trajetórias de vida de cada um.

Relativamente ao *self*, denota-se uma tendência para que os participantes, quando interagem com as pessoas que não conhecem bem, não evidenciem o “corpo com desenhos,” como por exemplo nos locais de trabalho e só depois de as conhecerem melhor é que começam a mostrar as tatuagens. Embora o seu “eu” interior se mantenha o mesmo, pois sabem que as tatuagens estão na pele, querem transmitir uma imagem mais de acordo com a norma convencional. Este é um resultado congruente com a literatura, na medida em que o indivíduo mantém o *self* real para si. Desta forma, a unicidade do eu mantém-se numa fase inicial em contexto de trabalho e/ou quando conhece novas pessoas. Associando ao que Goffman (1990) diz poder ser a desacreditação do indivíduo pelas características visíveis, mostrando, por isso, apenas a aparência de um corpo normal, isto é, um corpo sem tatuagens. Com o desenvolvimento das relações, e depois de um tempo em que o desempenho no trabalho do indivíduo não seja posto em causa tão facilmente é que existe uma abertura para o indivíduo começar a mostrar-se com as tatuagens, a mostrar o *self* real para os outros, que até então era virtual – para não passar a ser desacreditado, nem passível de juízos morais pelas marcações corporais em si (Goffman, 1990).

Parece existir uma coerência entre o significado atribuído às tatuagens e o desenvolvimento da identidade. Tal pode ocorrer através da recordação de fases da vida, da marcação de momentos ou pessoas específicas, ou ainda, pela sua integração num todo coerente através de uma identidade corporal. Todas as nuances se encontram em congruência com aquilo a que os participantes chamam de personalidade ou carácter.

Tal como refere Ferreira (2011), existe, na perspetiva dos participantes em relação a outras pessoas com tatuagens a ideia de que algumas delas as fazem numa lógica de provocação, de combate à indiferença, como uma forma de expressar alguma mensagem de forma explícita e através da diferença. Resumindo, a tatuagem é uma



forma normativa de expressão identitária, refletida e responsável, logo, pró-social, de emoções na vida das pessoas (Atkinson, 2004).

O trabalho é, indubitavelmente, uma das dimensões mais importantes das vivências das pessoas. Não apenas pela questão da sobrevivência numa sociedade de hiper consumo mas, também, porque se constitui como um signo estatutário, uma identidade e uma rede social de elevada densidade. O ser cheio de tatuagens em contexto laboral sobressai no discurso de todos os participantes – excepto um – como um meio de diferenciação entre as pessoas com e sem tatuagens. *“Principalmente em... locais de trabalho... não é? A tatuagem é a primeira, é o primeiro fator eliminatório. Se fores a uma entrevista de emprego e tiveres uma tatuagem visível ou um piercing, qualquer modificação corporal, não é?”* (M., 23 anos).

A autoimagem, nesta sociedade hedonista e de sedução (Lipovetsky, 1983) adquire um papel fulcral na seleção dos trabalhadores, por aproximação à imagem que uma empresa quer mostrar. Quase pode efetuar-se uma associação entre a imagem do indivíduo e a imagem da empresa, numa coesão identitária do *self* – embora sejam necessários estudos em contexto português. Este facto parece carregar de poder e de argumento quem emprega, a possibilidade de empregar ou despedir o trabalhador, não pelo desempenho profissional, mas pela imagem do mesmo, como aconteceu pelo menos, com um dos participantes.

*“Já tive que mudar de trabalho por causa das tatuagens. (...) Já fui expulso, na loja x e numa y, por ter tatuagens. De caras, essa pessoa não tem a imagem que nós queremos que represente a nossa loja. Independentemente das minhas capacidades (...) a imagem era o mais importante. Eu tinha uma carteira de clientes excelente, e fazia o trabalho bem, mas a imagem não era a imagem que eles queriam.”* (E., 35 anos).

Enquanto que a maior parte dos participantes afirma que há uma imagem a manter, e que essa imagem influencia quase sempre negativamente no mundo de trabalho quando se tem muito tatuagens, um dos participantes afirma o oposto. Ou seja, o participante percebe que os outros credibilizam mais o seu trabalho como tatuador profissional, a partir do momento em que o mesmo começou a ter mais tatuagens, porque *“associam a imagem de um tatuador a uma pessoa com muitas tatuagens. (...) Agora já passei, aquilo que a nível visual já parece uma pessoa bastante tatuada (...) Se aparecer um cliente, já torna o meu trabalho mais credível”* (J., 28 anos). Tal pode significar que o *self* do indivíduo pode estar em conformidade com o meio em que se

insere, ou seja, que a identidade virtual que é estigmatizada em determinados contextos é a requirida noutros contextos, por isso, relativa contextualmente.

## 6. Ser-se homem tatuado e ser-se mulher tatuada

Ser homem tatuado e ser mulher tatuada é vivido de forma claramente distinta, no que diz respeito ao estigma percebido e experienciado - “(...) *O meu namorado é que tem tatuagens mais ... que chocam mais ... mas eu passo por muito mais do que ele e acho é por ser mulher*” (D., 28 anos) . O preconceito é diferentemente sentido pelas mulheres, que vivem uma espécie de dupla penalização pois, “*Eu sou sempre, além de ser (mulher) ... tatuada.*” (D., 28 anos).

O ser uma mulher muito tatuada e mãe é expresso por duas participantes como uma preocupação, “*Eu tenho um filho, e como tenho um filho tenho o dever de o salvar. Não é que não tenha vontade de tatuar o pescoço! Só que há coisas que eu ainda tenho que ter em maior consideração do que uma vontade. (...) E uma delas é ter um filho pequenino! Que precisa que eu trabalhe para o sustentar.*” (L., 33 anos). O papel de mãe que referem é um fator determinante para a visibilidade das tatuagens, principalmente, quando estão presentes em instituições formais – embora ambas esclareçam que, por vezes, são elas que pensam sobre o assunto, e não a reação percebida das outras pessoas. Facto que dá a entender a existência de um discurso de estigmatização interiorizado pelas mesmas:

“*Tenho uma filha de dois anos que está no infantário. Eu confesso que quando fui visitar o infantário... que estava sempre um bocadinho de pé atrás (...) Porque não sabia como é que as pessoas me iam receber. (...) Mais esse vínculo da droga que eu não queria associado a mim porque eu sou ... nada disso, percebes? (...) Mas tinha receio que a minha filha fosse sofrer por me estarem a ver de uma certa maneira.*” (D., 28 anos).

Este resultado, um quanto inesperado, é suportado na literatura, se considerarmos o feminismo e a estética filosófica presente na obra – *I Ink, Therefore, I am* (Arp, 2012) - na medida em que a mulher foi reprimida ao longo do tempo. Neste sentido, a mulher com tatuagens pode expressar, sobre a forma do corpo tatuado, as suas vontades e formas de pensamento (Arp, 2012). Como tal, para algumas mulheres o corpo tatuado tem uma conotação de desejabilidade sexual e, nesta perspetiva, o corpo pode significar um independência sexual da mulher, liberdade e autodeterminação

(Atkinson, 2004). Alguns dos participantes do género masculino corroboraram a opinião expressa pelas participantes do género feminino, em relação à diferença de género e ao preconceito a que estão vulneráveis, *“Nas raparigas é um bocado mais chato do que nos rapazes. (...) Os homens têm (...) aquele machismo (...) de poder intervir mais um bocadinho com elas”* (J. 28 anos).

## **7. A dor no processo de materialização estética**

Um resultado notório que desabrochou das entrevistas concentra-se no papel da dor implicada no processo da tatuagem, que assume um papel central quando se aborda a questão da modificação corporal através da materialização estética. A grande maioria dos participantes refere a dor sentida, e fá-lo de forma a realçar a mesma como um obstáculo de superação para um resultado desejado, *“Se forem mais do que cinco horas, aí já começa a doer e já não tem nada de prazeroso. Mas tem sempre aquela alegria quando acabas de fazer a tatuagem. É o teu bebé.”* (M. 24 anos).

Numa perspetiva bem diferente, um dos participantes refere a dor como um motivo para se continuar a tatuar, isto é, relata sentir prazer em relação à dor que sente, *“As pessoas falam da dor da tatuagem e, apesar de ser uma dor chata, eu gosto. (...) É uma dor viciante”* (T., 24 anos). Este facto, cria um espaço para a discussão sobre a tatuagem como uma possível forma de prática de masoquismo<sup>15</sup>, para uma minoria das pessoas. Pode haver, ainda, um outro facto relevante no papel da dor, visto que alguns dos participantes que são tatuadores de profissão, referem que têm clientes que vão tatuar para sentirem essa dor, como uma espécie de auto-mutilação<sup>16</sup>. Referem o conhecimento de casos de pessoas com depressão, por exemplo, que vão tatuar o corpo para sentirem a dor física como escape da dor psicológica.

O corpo encerra, neste caso, uma panóplia de sensações, que passam pelo o corpo mutilado - logo sofrido (Ribeiro, 1996). Não obstante, um outro resultado não mencionado pela maioria, mas que pode constituir um tema interessante em futuras investigações refere-se à motivação de índole terapêutica referida por um dos participantes - *“Outras vezes acontece quase de forma terapêutica (...) O ser tatuado é*

---

<sup>15</sup> Quer-se dizer que se podem enveredar por futuras investigações da tatuagem como uma prática de masoquismo.

<sup>16</sup> Denote-se a necessidade de mais investigações sobre a tatuagem como prática de auto-mutilação.

*quase uma forma de escape do stress*” (E., 35 anos). O momento em que se está a tatuar é descrito, pelo maioria dos participantes, como um momento de abstração total dos stresses da vida diária, ou seja, um momento de escape ao quotidiano e às preocupações dos indivíduos.

#### **Capítulo IV - Nota final**

Esta nota final não pretende encerrar a discussão, apenas tenciona destacar alguns pontos importantes em relação processo desta investigação, assim como as vantagens e algumas limitações inerentes ao mesmo. Desta forma, e em coerência com a posição adotada, com os objetivos definidos, e com o que os participantes exprimiram, salienta-se a tatuagem como uma prática não desviante. Dada a sua história, amplidão geográfica, normalização, e a sua crescente tendência, apenas é objeto de desvio pela associação da mesma a fenómenos desviantes especialmente, pela associação aos fenómenos em que surgiram nas sociedades ocidentais, ou às pessoas que as tinham. Coerentemente com o percecionado através dos participantes, pode-se afirmar que, na maioria dos casos, não há um motivo patológico para a marcação corporal. A este respeito acresce o argumento inicialmente formulado para a base do estudo que, com estes resultados se viu corroborado, afastando a patologização do corpo muito tatuado e uma leitura simplista e reducionista do fenómeno.

Com a introdução da identidade nas suas diversas valências – intrapsíquica e social – tentou aprofundar-se o estudo do desenvolvimento da identidade com recurso a uma narrativa identitária corpórea. Não obstante, tentou compreender-se a realidade vivida pelos sujeitos e incluir estes domínios, até então escondidos ou marginalizados, na psicologia.

Conforme era uma posição da investigadora passar da interdisciplinaridade do tema do corpo tatuado, para a especificidade da psicologia, descobriram-se alguns temas a serem estudados, como as diferenças associadas ao género, a discriminação sentida em contexto laboral e o papel da dor no processo de marcação corporal. Pretendeu-se, ainda neste domínio, estudar a tatuagem no contexto português, não apenas no domínio empírico, como também literário, para uma investigação mais eclética. Acima de tudo,

mais explicativa do nosso contexto, que é a realidade quer dos participantes quer da investigadora. Exemplo disso, são os resultados inesperados, porque não questionados aquando das entrevistas, mas surgidos e enfatizados no discurso da maioria dos participantes. Por esta razão, pensa-se que uma das vantagens da investigação consiste na quantidade de informação útil para investigações futuras. Há uma necessidade emergente de maior sustentação empírica e mais atual, para que não seja Vítor Sérgio Ferreira, dos poucos, se não o único investigador português, dentro das ciências sociais, a investigar este tema de forma exaustiva.

Por conseguinte, salienta-se a tentativa de desconstrução de estereótipos e de afastamento a juízos morais negativos, associados às pessoas que modificam o seu corpo através da tatuagem. Afinal, o processo ocorrente consiste na procura incessante de aperfeiçoamento pessoal, quer em termos de personalidade, como mencionam, quer em termos estéticos (Carmen, et, al., 2012). Parece, enfim, que este é um processo homólogo a qualquer outro processo que vise a autenticidade da individualidade, e a preservação de um sentido ontogénico e de unicidade. A diferença é que estas pessoas o fazem através de uma narrativa corporal, com a construção de uma identidade corpórea, recorrendo do processo de materialização estética. Para tal, esboçou-se uma narrativa fenomenológica da pessoa com muitas tatuagens, para a compreensão simbólica do seu mundo, atendendo aos significados que a mesma atribui à sua realidade.

A maior limitação da presente dissertação, assenta no facto das entrevistas semiestruturadas não se revelarem uma técnica suficiente profunda para a resposta à questão sobre o que motiva os indivíduos a tatuar o corpo. Certo que o gosto, a dor, o vício e a estética da tatuagem são fortes motivos mas, serão o cerne da questão? Parece que seria necessária uma investigação mais aprofundada, com recurso a outras metodologias, para responder a esta questão. Talvez se aprofundasse a questão inerente às motivações, talvez inconscientes, à luz das teorias psicodinâmicas, socorrendo-nos da aplicação de métodos projetivos.

A questão sobre o que é, de facto, considerado arte pelos participantes, pode constituir uma limitação pois nas entrevistas não se fez a questão sobre o que é que o indivíduo concebe como arte. A literatura adverte para este facto, daí ser importante, a transdisciplinaridade com disciplinas como a arte e/ou a história da arte. Por este motivo, pode ser relevante mencionar que para futuras investigações deve ser feita uma ponte entre os dois temas de modo a um entendimento mais rigoroso da arte presente na

tatuagem ou vice-versa, ou mesmo do estado da arte no que respeita à tatuagem como uma forma artística, visto, ainda hoje, ser um tema de polémicas e controvérsias.

Em nota última, enfatiza-se a utilidade da investigação que consta como um dos seus argumentos fundamentais. O pensamento central desta dissertação concentrou-se na sua utilidade para a investigação, para a psicologia e, talvez o mais importante, para as pessoas com muitas tatuagens. O propósito da mesma centrou-se na inclusão desta vivência da corporalidade, no dia à dia destas pessoas, nos seus contextos laborais e familiares, e nas suas realções com os outros e consigo próprias.

## Referências Bibliográficas

- (s.d.). In *GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO* (Vol. V, p. 1751). Bilbao: S. A. P. E.
- Albin, D. D. (2006). Making the body (w)hole: A semiotic exploration of body modifications. *Psychodynamic Practice*, pp. 19-35. doi:10.1080/14753630500471960
- Arp, R. (2012). *Tattos - Philosophy for Everyone: I Ink, Therefore I am*. John Wiley & Sons, Ltd. Obtido de <https://books.google.pt/books?id=ivmwb5AVSl8C&pg=PT222&lpg=PT222&dq=I+ink,+therefore,+i+am+-+pdf&source=bl&ots=lwFlDR1xRs&sig=T-9t8VvFF4l44gScoJn1hK-kMH0&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiF7MGGv83bAhWCchQKHfUrDBg4ChDoAQhQMAo#v=onepage&q&f=false>
- Baldin, N., & Munhoz, E. (2011). SNOWBALL (BOLA DE NEVE): UMA TÉCNICA METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA. *X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO* (pp. 330-341). Curitiba: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, pp. 24-34.
- Bardin, L. (1977). *ANÁLISE DE CONTEÚDO*. Lisboa: EDIÇÕES 70, LDA.
- Becker, H. S. (1963). *OUTSIDERS Studies in the Sociology of Deviance*. New York: MACMILLAN PUBLISHING CO., INC.
- Bell, S. (1999). Tattooed: A Participant Observer`s Exploration of Meaning. *Journal of American Culture*, 53-58.
- Carmen, R., Guitart, A., & Dillon, H. (2012). Ultimate Answers to Proximate Questions: The Evolutionary Motivations Behind Tattoos and Body Piercings in Populer

- Culture. *Review of General Psychology*(American Psychological Association), pp. 134-143. doi:10.1037/a0027908
- Erikson, E. (1976). Oito idades do homem. In *O Desenvolvimento do Ego* (pp. 227-253).
- Fernandes, L. (1990). *OS PÓS MODERNOS OU A CIDADE, O SECTOR JUVENIL E AS DROGAS - ESTUDO TEÓRICO-METODOLÓGICO E PESQUISA NO TERRENO*. Porto: Universidade do Porto .
- Fernandes, L., & Barbosa, R. (2016). A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS CORPOS PERIFÉRICOS. *Saúde e Sociedade*, 25, pp. 70-82. doi:10.1590/S0104-12902016146173
- Ferreira, V. S. (2004). Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Corpo e Sexualidade*, (pp. 55-61). Braga.
- Ferreira, V. S. (2006). Da ‘experiência’ ao ‘vício’: a construção de um projecto de marcação corporal. In M. R. Costa, E. M. Silva, & PUC-SP (Ed.), *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana* (pp. 169-196). São Paulo: EDUC.
- Ferreira, V. S. (2009). O corpo tatuado sob o olhar dos outros: a gestão social de um projecto corporal. In I. d. Porto (Ed.), *Corpo, Coleção Arte e Sociedade* (pp. 25-50). Lisboa: Apenas Livros.
- Ferreira, V. S. (2011). TATUAR O CORPO JOVEM HOJE: rito de passagem ou ritual de impasse? *vivência*, 36, pp. 137-156.
- Foucault, M. (2002). *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. (M. E. GALVÃO, Trad.) São Paulo, Brasil: Martins Fontes Editora Ltda.
- Galleta, A. (2013). *Mastering the Semi-Structured Interview and Beyond: From Research Design to Analysis and Publication*. New York: New York University Press.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2011). *Reflexiones sobre la Construcción social*. PAIDÓS.
- Giddens, A. (1991). The Trajectory of the Self. In A. Giddens, *Modernity and Self-Identity Self and Society in Late Modern Age* (pp. 70-108). Stanford, california: Stanford University Press.



- Goffman, E. (1990). *STIGMA Notes on the Management of Spoiled Identity*. London : Penguin Books.
- GUÉGUEN, N. (s.d.). TATTOOS, PIERCINGS, AND SEXUAL ACTIVITY.
- Heidegger, M. (1997). *Ser e Tempo Parte I*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.
- IRWIN, K. (2003). SAINTS AND SINNERS: ELITE TATTO COLLECTORS AND TATTOOISTS AS POSITIVE AND NEGATIVE DEVIANTS. *Sociological Spectrum*, 23, pp. 27-57. doi:10.1080/02732170390131911
- James, W. (1890). The Consciousness of Self. In W. James, *The Principles of Psychology* (Vol. 1, pp. 650-913). Nalanda Digital Library. Obtido de [http://library.manipaldubai.com/DL/the\\_principles\\_of\\_psychology\\_vol\\_I.pdf](http://library.manipaldubai.com/DL/the_principles_of_psychology_vol_I.pdf)
- Kosut, M. (2006). An Ironic Fad: The Commodification and Consumption of Tattoos. *The Journal of Popular Culture*, 39.
- Kosut, M. (2006). mad artists and tattooed perverts: deviant discourse and social construction of cultural categories. *Deviant Behaviour*, 27, pp. 73-95. doi:10.1080/016396290950677
- Lane, D. C. (8 de 4 de 2014). Tat`s All Folks: An Analysis of Tattoo Literature. *Sociology Compass*, pp. 398-410.
- Larsen, G., Patterson, M., & Markham, L. (August de 2014). A Deviant Art: Tattoo-Related Stigma in an Era of Commodification. *Psychology and Marketing*, pp. 670–681 . doi:DOI: 10.1002/mar.20727
- Le Breton, D. (1953). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: EDITORA VOZES.
- Lipovetsky, G. (1983). *A ERA DO VAZIO ENSAIOS SOBRE O INDIVIDUALISMO CONTEMPORÂNEO*. EDIÇÕES 70, LDA.
- Lopes, A. (2011). Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. *Commodification of the body in contemporary societies: having a bodu and being a body*, 11, pp. 283-289.
- Mahoney, M. J. (2003). *Constructive Psychotherapy A PRACTICAL GUIDE*. THE GUILFORD PRESS.
- Marcia, J. E. (1966). DEVELOPMENT AND VALIDATION OF EGO-IDENTITY STATUS. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- MEAD, G. H. (1934). *MIND, SELF, and SOCIETY*. THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS.

- Nowlis, H. (1975). *La verdad sobre la droga la droga e la educación*. Paris: Editorial de la Unesco.
- Orend, A., & P, G. (2009). Corporate Logo Tattoos and the Commodification of the Body. *Journal of Contemporary Ethnography*, 38(4), pp. 493-517.
- Ortega, F. (2008). *O CORPO INCERTO: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: GARAMOND. Obtido de [https://books.google.pt/books?id=btXL0h5e-gkC&pg=PA203&lpg=PA203&dq=reducionismo+fenomenol%C3%B3gico&source=bl&ots=HzKtgqLyP5&sig=Gcae6mzQsNGiGnNSydFyofkc2kA&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjgiOXupMfWAhUKuxQKHc2kBsAQ6AEIWT AJ#v=onepage&q=reducionismo%20fenomenol%](https://books.google.pt/books?id=btXL0h5e-gkC&pg=PA203&lpg=PA203&dq=reducionismo+fenomenol%C3%B3gico&source=bl&ots=HzKtgqLyP5&sig=Gcae6mzQsNGiGnNSydFyofkc2kA&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjgiOXupMfWAhUKuxQKHc2kBsAQ6AEIWT AJ#v=onepage&q=reducionismo%20fenomenol%20)
- Ribeiro, A. (1996). O corpo vai ao psicólogo. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 39-43.
- Roberts, D. J. (6 de 2012). Secret Ink: Tattoo`s Place on Contemporary American Culture. *The Journal of American Culture*, 35, 153-165.
- Schildkrout, E. (11 de 6 de 2004). Inscribing the Body. *Annual Reviews Anthropology*, pp. 319-344. doi:10.1146/annurev.anthro.33.070203
- Schutt, R. K. (2015). *Investigating the Social World: the Process and Practice of Research* (8th ed.). (I. Sage Publications, Ed.) Boston: University of Massachusetts.
- Simmel, G. (1997). A METRÓPOLE E A VIDA DO ESPÍRITO. In *CIDADE, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO* (pp. 31 - 43). Oeiras: CELTA EDITORA.
- Snape, D., & Spencer, L. (2003). The Foundations of Qualitative Research. In J. Ritchie, & J. Lewis, *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers* (pp. 1-23). SAGE PUBLICATIONS.
- Stirn, A., & Hinz, A. (5 de 2008). Tattoos, body piercings, and self-injury: Is there a connection? Investigations on a core group of participants practicing body modification. *Psychotherapy Research*, pp. 326-333. doi:10.1080/10503300701506938
- Turner, T. S. (2012). The Social Skin. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 486-504.

## **Anexos**

### **Anexo I - Guião da entrevista semi-estruturada**

#### **1. Dados sociodemográficos**

- 1.1. Género;
- 1.2. Idade;
- 1.3. Ocupação profissional;
- 1.4. Local de residência.

#### **2. Tatuagem**

- 2.1. Como é que a tatuagem surgiu na tua vida?
- 2.2. O que é que a(s) tatuagens significam para ti?
- 2.3. Alguma vez te arrependeste de alguma tatuagem?
- 2.4. Como pensas que a tatuagem é percecionada hoje em dia?

#### **3. Corpo**

- 3.1. O que é o corpo muito tatuado?
- 3.2. Como é ter o corpo muito tatuado?
- 3.3. Faz sentido a expressão “*o corpo extensamente tatuado*”?
- 3.4. Consegues uma expressão mais adequada, na tua opinião, para descrever o corpo muito tatuado?

#### **4. Motivações**

- 4.1. O que é que te motivou a fazer a primeira tatuagem?
- 4.2. O que motiva a continuar a marcar o corpo?
- 4.3. Existem contextos que te motivem a fazer uma tatuagem?
- 4.4. Existem contextos que te desmotivem a fazer uma tatuagem?

#### **5. Perceções dos outros em relação a si**

- 5.1. Como pensas que os outros te vêem?

5.2. Qual a posição da tua família em relação à tatuagem e ao ti, com o corpo muito tatuado?

5.3. Como pensas que a sociedade, no geral, te vê?

5.4. Em algum contexto, ou momento, sentiste reações diferentes, em relação a ti?

## **6. Materialização estética**

6.1. Faz sentido, para ti, descrever a tatuagem como uma “processo de materialização estética?”

6.2. Existe, na tua perspetiva, outra expressão que a descreva melhor?

## **Anexo II – Grelha da Análise de Conteúdo e Descrição das Categorias**

Categoria	Subcategoria	Subsubcategoria
1. Tatuagem	1.1. Definição	
	1.2. Significado	
2. Corpo	2.1. O meu corpo	
	2.2. O corpo muito tatuado ou com muitas tatuagens	
3. Motivação	3.1. Para a primeira tatuagem	
	3.2. Para continuar a tatuar o meu corpo	
	3.3 Contextos	3.3.1. Facilitadores
4. Reação Social	4.1. Reação social percebida	3.3.2. Inibidores
		4.1.1. Dos outros em relação a si
		4.1.2. Da família em relação a si;
		4.1.3. Da sociedade em relação a si
	4.2. Próprio	4.1.4. Dos outros em relação à tatuagem
		4.2.1 Em relação a pessoas sem tatuagens
		4.2.2. Em relação a pessoas com tatuagens
		4.2.3. Em relação à sociedade no geral
5. Identidade	5.1. Percepção do “eu”	4.2.4. Em relação à tatuagem
		5.1.1. Continuidade
		5.1.2. Descontinuidade

### **1. Tatuagem**

Todas as referências à tatuagem, no que consiste a sua definição e possíveis significados relativamente às tatuagens no corpo dos participantes. Pretendeu-se perceber, especificamente, o que é a tatuagem na perspetiva dos participantes, assim como os significados que os mesmos atribuem à mesma, quer no momento em que tatuam pela primeira vez quer ao longo do tempo. Efetuou-se uma enumeração das definições que resultaram do discurso dos participantes, bem como dos significados que lhes atribuíram, embora este ponto abranja uma idiossincrasia quase impossível para a sua enumeração. A subcategoria do significado liga-se à categoria da identidade e, portanto, esta conexão será melhor explicada nessa categoria.

### **2. Corpo**

Nesta categoria incluem-se todas as referências ao corpo, com ou sem tatuagens, do próprio participante ou dos outros. Intentou-se a exploração do que é o corpo e, mais particularmente, do que é um corpo normal/normativo, e do que é um corpo diferente e, por isso, não normativo/anormal, daí que tenha subressaído a ideia do corpo paradoxal. Foi, também, dentro desta categoria que se tentou perceber e definir o corpo muito tatuado ou com muitas tatuagens. Ademais, tentou perceber-se de forma mais aprofundada de que forma é que se associa o corpo muito tatuado ao corpo paradoxal, normal/diferente. Para tal utilizaram-se especificadores, nomeadamente, a referência ao termos normal, anormal ou diferente, “pele limpa” ou “pele coberta”.

### **3. Motivação**

Na presente categoria pretendeu-se perceber o que é que leva uma pessoa a tatuar o seu corpo pela primeira vez e, ademais, o que é que leva o sujeito a continuar a tatuar o corpo com o decorrer do tempo. Tentou perceber-se a ligação entre as motivações e as suas variações ao longo do tempo, contemplando a narrativa do participante em relação à sua história de vida. Não obstante, é nesta categoria que se encontram as referências aos contextos em que os indivíduos se tatuam e aos contextos em que se começaram a tatuar. Esta subcategoria está dividida em duas subcategorias que procuram, por um lado, perceber quais são os contextos que facilitam os participantes a começar a tatuar e, por outro, quais são os contextos que os inibiram e/ou continuam a inibir. Pretendeu-se perceber a relação entre estes contextos e a familiaridade dos participantes com o “mundo da tatuagem”.

### **4. Reação Social**

A reação social percebida pelos participantes, assim como a reação do próprio em relação aos outros foi o que se pretendeu perceber nesta categoria. Sem dúvida, a mais complexa, facto que justifica a necessidade das várias sub-subcategorias dentro das duas principais subcategorias. Dentro da reação social percebida quis-se compreender, especificamente, como é que os participantes percebem a reação dos, da sociedade no geral, da família em relação a si próprio, assim como dos outros em relação à tatuagem. Dentro da reação do próprio, quis-se entender como é que os participantes se posicionam relativamente aos outros, tatuados e não tatuados, à sociedade e, por fim, do próprio em relação à tatuagem.

## **5. Identidade**

Nesta categoria inseriram-se todas as referências em relação à percepção dos participantes em relação ao seu self, a ele próprio no seu todo. Pretendeu-se compreender qual o sentido conferido pelos participantes às suas trajetórias de vida, em termos de continuidades e descontinuidades, e a sua relação com o corpo com muitas tatuagens, assim como os significados conferidos às mesmas ao longo do tempo. Especificamente, pretendeu-se a exploração do sentido de unicidade do ente, através da narrativa do mesmo e, mais importante, através da narrativa identitária corpórea, descrita e significada pelos participantes.